

Do recomendado ao lido.

Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII*.

Leya por onde quizer, como sejam livros espirituaes, que tudo são iguarias de Deos por peyor, ou melhor cozinheiro. Fr. António das Chagas, *Cartas Espirituaes*, II, 26¹

I. Valerá a pena repetir, uma vez mais, que a questão das leituras - e da leitura: do ler ao texto (manuscrito..., impresso...) passando pelos modos de ler que, por sua vez, remetem para problemas mais literários (géneros..., estilos..., etc.) - nos coloca, em si e historicamente, à beira, quando não no interior, de um mundo complexo - da alfabetização à técnica, o que implica necessariamente a sociedade e a economia -, cuja abordagem, para os «tempos modernos», requer múltiplas e, por vezes, simultâneas aproximações? Talvez, e, por isso, não será demais recordar esta verdade muito simples no começo de uma breve investigação sobre as leituras de literatura de espiritualidade por parte de freiras - no caso presente, quase exclusivamente franciscanas - no século XVII - especialmente na sua segunda metade - em Portugal. E se dissemos de freiras - e não, por exemplo, nos conventos - é porque gostaríamos de deixar, desde o início, bem preciso que não pretendemos nem estender a toda uma comunidade notícias individuais nem abordar a questão desde um ponto de vista mais ou menos, para o sugerir de alguma maneira, tipológico. Não se trata, com efeito, de ponderar, à partida, se uma obra lida por uma religiosa seria ou não leitura difundida na casa nem, muito menos, de verificar o que, um tanto genericamente, se dizia que deveria uma freira ler - ou ouvir ler -, de acordo com os conselhos de um directório para essa «religiosa ideal» que o século XVII gostou de construir e de propor, tal como, por exemplo, se tinham já dado recomendações de leituras a fazer de acordo com um estatuto

* Investigação subsidiada por JNICT/PRAXIS XXI.

¹ Utilizamos a edição de Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, 1736. Para as questões levantadas pelas edições desta obra de Fr. António das Chagas haverá sempre que recorrer à globalmente ainda não superada obra de Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*, Lisboa, 1950.

socio-político (um rei., um governador..., um fidalgo...) ou profissional (um negociante...). Para qualquer das circunstâncias e dos casos se podem apontar exemplos de listas mais ou menos largas – quase sempre, porém, breves – dos tipos de livros que lia ou deveria ler um religioso..., um rei²..., um príncipe³..., um senhor de vassalhos⁴..., um fidalgo⁵..., um negociante⁶ e que, normalmente, dizem respeito mais à concepção que desse estado ou dessa função social ou dessa profissão se fazia o autor de tais conselhos e às suas leituras que às obras que, efectivamente, leram – ou poderão ter lido – os destinatários... Por mais que conheçamos a erudição – que não é o mesmo que as obras lidas... – de Gomes Eanes de Zurara e saibamos que D. Afonso V, seu patrono e mecenas, pôs a biblioteca real ao serviço público, nada sabemos dos livros que poderá ter lido... Se seu pai, D. Duarte, é uma

² Felipe de la TORRE, *Institución de un Rey Christiano, colegida principalmente de la Santa Escritura y de los Sagrados Doctores* (Anvers, 1556) apresenta, segundo José António MARAVALL, *La Oposición Política-Religiosa a mediados del siglo XVI. El Erasmismo tardío de Felipe de la Torre in La Oposición Política bajo los Austrias*, Barcelona, 1972, 53-92 (v. g. 77-78) uma série de sugestões de «libros pios y de gobierno de la República» em que deve ocupar-se o rei e que incluem, além de certos livros bíblicos, Platão, Aristóteles, Isócrates, Plutarco, Cícero, Tito Lívio, Séneca, Eusébio, S. João Crisóstomo, Dr. Constantino de la Fuente, Fr. Luis de Granada, Serafim de Fermo, etc...

³ Vespasiano da BISTICCI, *Comentario de la Vita del Signore Federico, Duca di Urbino in Le Vite* (ed. crítica com introduzione e commento di Aulo Greco), Firenze, 1970, I, 355-416 traz, como é bem sabido, a lista das suas leituras – inclusivamente os exemplos das suas leituras piedosas de cada manhã –, e dos livros da sua biblioteca.

⁴ O Padre Baltasar Álvarez, S. J., em carta de 27.7.1574, recomenda ao marquês de Velada que leia os *Comentários* aos salmos penitenciais, obra atribuída a S. Gregório, e, em outra de 12.3.1575, os *Moralia* do mesmo autor, depois de acabada a primeira obra. Tem, porém, dúvidas em aceitar, sem condições, que o seu dirigido leia o *Audi, Filia* de S. Juan de Ávila, acabando, no entanto, por lhe lembrar uma edição acessível e recente – a de Toledo, Juan de Ayala, 1574. Conf. Baltasar ÁLVAREZ, *Escritos Espirituales*, Barcelona, 1961, 500 e 508, respectivamente

⁵ Fr. Amador ARRAIS, *Dialogo Terceyro. Da Gente Judaica in Dialogos*, Coimbra, 1604 (aliás, Porto, 1974, 110) apresenta as leituras que diz ter feito o «Fidalgo, Aureliano»: algo da *Sphera*, porque quando Pero Nunez a lia a certos homens principais, eu me achava presente..., *Décadas* de João de Barros..., Petrarca em sua língua..., as *historias* de Jovio em latim..., as *antiguidades* de Florião de campo em Castelhana..., o *Sumario* de Estevão de Garibay Biscainho... e a *Historia Imperial* do vizinho de Sevilha..., e a *Pontifical* de Illescas de Dueñas..., as *Respublicas*, e os *letrados* do Moraes Cordoves...

⁶ Cristóbal SUÁREZ DE FIGUEROA, *EL Pasajero (Alivio X)*, (ed. de Maria Isabel López Bascuñana), Barcelona, 1988, II, 620-222 apresenta uma lista de autores que um negociante, como Isidro, que não sabe latim, pode, «como virtuoso, sacar mayor aprovechamiento»: antes de mais, «das flores de santos»..., ainda que también os podrá ser licito leer otros autores, así modernos como antiguos, mas que traten todos materias importantes para perficionar la vida... E se bem que, como negociante, não vá encaminhado às coisas de guerra, poderá, «por curiosidad», passar «dos ojos por los que en vulgar hablan della»... E também os historiadores, como Hérodoto, Tito Lívio, Tácito... «No olvidéis la vida de Plutarco y los comentarios de César. Haces grande amigo de Séneca...[...] Estas lecciones y otras tales os causarán contento y regalo bien diferente del que ocasionan los Amadises, Febos y Orlandos: sueños, profanidades, mentiras y locuras»...

excepção, já que o seu *Leal Conselheiro* começou por ser uma série de leais apontamentos sobre variadas matérias, incluindo livros – que, em parte, podemos controlar pelo que sabemos do inventário da sua livraria – e modos de os ler, estamos longe de saber, ainda por exemplo, o que leram ou o que liam – uma distinção sempre importante –, e aqui ao nível das obras de espiritualidade – um tipo de leitura que, aceitar-se-à facilmente, melhor ou pior deveriam fazer – um D. João II ou um D. João III... Com segurança, do primeiro, que, a fiarmo-nos no silêncio dos apontamentos de Sousa Viterbo, não terá posto especial empenho em continuar a biblioteca de seu pai, apenas recordamos o *Recuerde el alma dormida...* de Jorge Manrique, trovas que, segundo confidenciava a Garcia de Resende, «tão necessario era a hum homem sabellas, como saber o Pater noster»⁷... A afirmação do Príncipe Perfeito vale tanto pela estima que revela pelas *Coplas a la muerte de su padre* como pela classificação de obra de alta espiritualidade que lhes atribuíra... De outro admirador das *Coplas...*, D. João III⁸, se prescindirmos das informações sobre os livros de seu pai e dos livros que D. Catarina de Áustria, sua mulher, mandou comprar – que comprar não quer dizer apenas possuir e, menos, ler, mas também, por exemplo, oferecer – e do que revela de um pobre inventário feito em Évora em 1534 em que dos vinte livros registados nove são litúrgicos – certamente do uso da capela real nessa cidade –, nada sabemos⁹, embora seja legítimo supor que terá, pelo menos, folheado os livros que lhe foram dedicados, a começar pela *Crónica do Imperador Clarimundo* (Lisboa, 1520) de João de Barros¹⁰... Talvez, para

⁷ Garcia de RESENDE, *Crónica e Miscelânea* (Nova edição conforme a de 1798. Introdução de J. Verissimo Serrão), Lisboa, 1973, 269.

⁸ Também de D. João III se conta em *Ditos Portugueses dignos de Memória. História íntima do século XV* (anotada e comentada por José H. Saraiva), Lisboa, s. a., 45 (nº85), que a um criado do conde de Vimioso e que este lhe inculcava para moço de câmara, perguntou se sabia «de cor as trovas de D. Jorge Manrique que começam: *Recuerde el alma dormida*». Perante a resposta negativa do moço, comentou D. João III: «Pois não sabeis nada, e eu vos aceito porque mo pede o conde»... D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, '*Recuerde el Alma Dormida*'. (*Duas palavras ao Auctor da 'Antologia de Poetas Líricos*', III, 106-116, VI, CIV-CLII) in *Revue Hispanique*, 6(1899),148-162 apontou a estima do poema de J. Manrique e as principais glosas que dele se fizeram no século XVI em Portugal; Nellie E. SÁNCHEZ ARCE, *Las Glosas a las «Coplas» de Jorge Manrique*, Madrid, 1956 parece ter esquecido aquele trabalho, mas útil trabalho, de D. Carolina Michaelis.

⁹ Sousa VITERBO, *A Livraria Real especialmente no Reinado de D. Manuel*, Lisboa, 1901, 24-37.

¹⁰ Sem qualquer pretensão de exaustividade e abreviando, sempre que possível, os títulos, lembremos algumas das obras dedicadas a D. João III: H. Cuellar, *Opus Insigne ad libros tres predictionum Hipperat. Commento...*, Coimbra, João Barreira, 1543; Francisco de Monzón, *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano*, Lisboa, Luis Rodriguez, 1544; Francisco de Monzón, *Norte de Confessores*, Lisboa, Luis Rodriguez, 1546; Manuel Costa, *Commentaria*, Coimbra, João Barreira, 1548; Martín de Azpilcueta, *Relectio...*, Coimbra, João Barreira, 1548; Diogo de Teive,

além do imediato das modas, possa ser o gosto do rei por essa *Crónica...* uma das razões por que estava a biblioteca do palácio cheia de novelas de cavalaria, obras de que foi limpa, em 1553, com a ajuda do P. Francisco de Borja¹¹...

Como já aludimos, não será deste tipo de leitores que nos vamos ocupar. Aqui apenas nos interessam as leituras concretas que certas pessoas concretas – religiosos, mas, sobretudo, religiosas, em alguns conventos ao longo do século XVII, muito especialmente depois da sua segunda metade – fizeram por eleição própria ou por conselho de alguém, esses alguém que, quase sempre, se podem identificar com confesores, directores espirituais, mestres de noviços... São conselhos de gente que, geralmente, por prudência ou por ignorância, tinha em conta as circunstâncias concretas do «progresso espiritual» das pessoas aconselhadas¹² e das suas possibilidades de acesso às

Commentarius de Rebus in India, Coimbra, João Barreira, 1548; [Belchior Beleago] *Logica Aristotelis ab Eruditissimis Hominibus Conversa*, Coimbra, João Barreira, 1549; Sancho de Noronha, *Tratado Moral de louvores e perigos de alguns estados seculares...*, Coimbra, Francisco Correia, 1549; Pedro Mendes Correia, *Oratio*, Coimbra, s. ed., 1549; Fernão Lopes de Castanheda, *Historia dos Descobrimentos e Conquista da Índia*, Coimbra, João Barreira, 1551; Hilário Moreira, *De omnium Philosophiae partium Laudibus et Studiis Oratio*, Coimbra, João Barreira, 1552; Fr. Juan de la Cruz, O. P., *Historia de la Yglesia que llaman Ecclesiastica y Tripartita*, Coimbra, João Alvarez, 1554; Garcia de Resende, *Libro das Obras...*, Évora, André de Burgos, 1554; Martín de Ledesma, O. P., *Primus Thomus qui et Prima 4...*, Coimbra, João Alvarez, 1555; Fr. Marcos de Lisboa: *Primeira Parte das Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, João Blávio de Colónia, 1557.

¹¹ Ignacio IPARRAGUIRRE, *Prática de los Ejercicios de San Ignacio en vida de su autor*, Bilbao, Roma, 1946, 46.

¹² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 42, 129: «Faça V. M. muito por se exercitar na virtude da cumpunção, doendo-se de seus descuidos, froxidoens, e negligencias, sendo esposa de Christo, e busque para isso lição que a mova. Leya em S. João Climaco, no principio o grao, que trata do pranto espiritual; que se V. M. chorar seus peccados, e andar algum tempo compungida delles, terá quanto quizer de Deos». Ainda a título de exemplo, num plano menos personalizado, poderia apontar-se o que aconselha Fr. Agustín de SAN ILDEFONSO, *Theologia Mystica*, (I, 3, 2), Madrid, 1683, 51: «Y las almas que siendo simples, sencillas y puras, y se quieren dar a la oracion, les ordenarán que lean libros generalmente devotos y que traten de virtudes, como es de humildad y castidad; porque como asi a los que han sido grandes pecadores, les irá bien que lean la vida de la Madalena, la de santa Maria Egyptiaca, y la de Rogelia Penitente; de la misma suerte para las doncellas y virgenes sera bien que lean libros que traten de la virtud de la virginidad, y assi se les podrá mandar que lean los libros de la santa Madre Teresa de Jesus, la vida y libro de nuestra santa Clara de Monte Falco, la de Doña Luisa de Carvajal y el interrogatorio de sor Ana Maria de S. Joseph, y otros libros semejantes a estos para que con el exemplo de la paciencia, perseverancia y amor del esposo se animen todas a buscar, a guardar y a servir al que lo es de todas». Por sua vez, o P. Manuel BERNARDES na sua *Direcção para ter os nove dias de Exercícios Espirituais*, Lisboa, 1725, II, § 13, 80-82 – obra dirigida aos congregados oratorianos – recomenda que «seja aplicado aos livros espirituas e autores de primeira classe nas materias mysticas», como, por exemplo, dentro o largo rol que apresenta, »S. Gregorio, nos Moraes..., S. Boaventura, no Itinerario e na Theologia Mystica..., João Gerson na *Theologia Mystica* e no *Monte da Contemplação...*, Harpio expurgado..., João Taulero..., Lanspergio Cartusiano..., o beato Frei João da Cruz..., Frei

obras recomendadas... Por isso, na sequência de algo que também já prevenimos, ainda que tenhamos de reconhecer a importância das suas informações desde outros pontos de vista, não nos fixaremos agora em notícias que aludem vagamente a leituras em algum convento, como, por exemplo, na *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, em que as várias referências a leituras não passam, quando muito, de alguma sugestão sobre o apreço em que aí era tido Santo Agostinho¹³... Em lugar desta vaguíssima alusão preferiríamos que essas páginas nos informassem que nessa casa existia alguém que possuía um exemplar da edição veneziana (1485) *Arbor Vitae Crucifixae* de Ubertino da Casale¹⁴... E que esse alguém era nada menos que a princesa «santa» Joana que aí vivia e que, por sua morte, deixou a obra ao mosteiro. Mesmo quando aparentemente mais precisas, as linhas que, séculos depois, dedica Soror Maria do Céu na *Relação da vida e morte da serva de Deus a veneravel Madre Elena da Cruz* a evocar quanto a sua biografada foi «inclinada à lição dos livros, de cujos exemplos tirava as imitações em que se assemelhou a muytos santos», a ponto de «em sahindo de novo algum livro sendo espiritual o comprava sem reparo no custo»¹⁵, para além de evidenciar o gosto de ler e as possibilidades económicas para o satisfazer, pouco adiantam em referências a leituras concretas, embora possa aceitar-se que parecem insinuar o gosto de Madre Helena pela hagiografia, orientação, como veremos, bem do seu tempo... Fr. António das Chagas não se cansará de recomendar a leitura de vidas de santos. Do mesmo modo, quando, nos começos do século XIX, Soror Ana Maria do Amor Divino, nas suas *Memórias Historicas do Real Convento de Jesus de Setubal*, nos informa que «naquelles tempos – entendamos, entre 1580 e 1602 – se lião aqui muito as obras de Rusbrochio, de Taulero, de Blossio e outros varões de alta sabedoria em tais materias; e achei alguns destes em linguagem...» que poderemos concluir, mesmo sabendo que, em prova da das suas afirmações, indica que achou, escondidos no coro, «hum livro de quarto manuscrito em que estão hum admiravel Tratado da Oração tirado dos sermões de Taulero e do livro do Ornamento das Vodas de João Rusbrochio, hum sermão inteiro do mesmo Taulero tirado

Thomas de Jesus Maria em varias obras, é especialmente na *Eschola de Oração*... (Conf. ainda pág.s 272-280 em que põe outras obras em que se podem prontamente achar mais materias para meditação).

¹³ *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro* (ed. de R. Madahil), Aveiro, 1939, 17.

¹⁴ É hoje o Inc. 234 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, exemplar em que depois do colofon se escreveu: «este lyvro deixou a senhora Ifiante nossa s. por seu falicimento ao m.ro de jhc».

¹⁵ Soror Maria do CÉU, *Relação da Vida e Morte da Serva de Deus a Veneravel Madre Elena da Crus* (ed. de Filomena Belo), Lisboa, 1993, 206.

de latim em linguagem, duas cartas espirituaes e de altíssima doutrina sobre a via unitiva, escritas de dous religiosos (cujos nomes não declaram) da Provincia da Arrábida...»¹⁶. Será possível deduzir deste volume miscelâneo e antológico essa leitura frequente dos místicos renano-flamencos que pretende a freira historiadora? Antes de mais seria necessário determinar a origem da recolha dos textos e das traduções... Sempre houve ler e ler... E, por isso, não seria o mesmo terem sido feitas no mosteiro de Setúbal ou no vizinho dos franciscanos da Arrábida donde eram os anónimos autores dessas «duas cartas espirituaes e de altíssima doutrina sobre a via unitiva»... E mesmo que pudéssemos aceitar, sem mais, as deduções de Soror Ana Maria do Amor Divino, sempre nos interrogaríamos sobre quem, efectivamente, lia, por essas datas, essas obras, no mosteiro das clarissas de Setúbal... Para uma leitura directa, em latim – língua em que se encontrava aquele *Tratado de Oração* extractado, ao parecer, dos *Sermones de Festis et Solemnitatibus Sanctorum* de J. Tauler e do *De Ornatu Spiritualium Nuptiarum* de J. Ruusbroec¹⁷ –, talvez, por então, não houvesse assim tantas religiosas com essa capacidade de modo a justificar aquele «lia-se muito»... Em castelhano e em português – sempre, porém, em impressão portuguesa – corriam as *Institutiones* e os *Exercitia Piissima*, obras que, resultantes do trabalho de Pedro Canísio – antes de ingressar na Companhia de Jesus – e de L. Surio – cartuxo de Colónia, esse intenso centro de reformação e de contra-reforma –, corriam sob o nome de Tauler¹⁸. De L. Blósio, que corria em latim desde 1568, havia algumas obras traduzidas em castelhano¹⁹ no século XVI, antes da grande edição das *Obras* em tradução de Fr. Gregório Alfaro (Sevilla, 1598)... Naturalmente, as clarissas de Setúbal poderiam sempre ler essas páginas em latim como o faziam, à volta de 1572, em Lisboa, em alguns círculos espirituais: Simão Lopes «levava hum livro de latim que se chamava Herpio e outro Lusbroch e por saber latim os lia e

¹⁶ Citado por Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo do Século XVII*, Lisboa, 1953, 378 (ANTT, ms. 846).

¹⁷ Das *Opera Omnia* de J. Tauler havia, no século XVI, as edições de 1548 (Colónia) e 1553 (Paris); dos *Sermones*, autonomamente, ao parecer, apenas a de Lyon (1577); de Ruusbroec, o *De Ornatu spiritualium Nuptiarum* foi editado em 1512 (Paris) e em 1552 (Colónia) as *Opera Omnia*, indicação sumárias que recolhemos das introduções de Teodoro H. Martín à sua tradução e edição das *Obras* de Tauler e Ruusbroec, respectivamente, Madrid, 1984.

¹⁸ Teodoro H. MARTÍN, introd. a *Obras* de J. Tauler, ed. cit., 89-90 sumaria a génese destas obras e em pág. 183 aponta as principais edições dos *Exercitia Piissima*, em edição autónoma, no século XVI: 1556 (Lyon), 1572 (Lyon); as *Institutiones* tiveram uma tradução em castelhano, em 1551 (Coimbra) e duas em português, em 1571 (Coimbra e Viseu), edições estas que, curiosamente, escaparam a Teodoro H. Martín.

¹⁹ L. BLÓSIO, *Instrucción Espiritual y Regla Breve del Novicio Espiritual*, Madrid, 1587; *Espejo Espiritual*, Madrid, 1596.

declarava em linguagem...»²⁰. E, deste modo, talvez Soror Ana Maria do Amor Divino possa ter razão... Teremos ocasião de ver que o ouvir ler, em grupo, livros devotos – especialmente vidas de santos? – era uma prática em conventos femininos na segunda metade do século XVII... E, talvez, até fosse uma prática instituída para as noviças em alguns conventos, como, por exemplo, na Esperança de Vila Viçosa.

II. Apesar de imprecisas – e, talvez até, por isso mesmo – algumas das notícias que deixámos apontadas sobre leituras espirituais nos conventos femininos poderão ter já sugerido as dificuldades de abordar as questões da leitura nesses círculos, por definição, mais ou menos fechados... Em tais meios e com as extremamente parcas informações disponíveis – uma parcimónia que, antes de mais, haverá que atribuir à própria vocação de vida retirada que não tanto (ou nem sempre?) a descuidos e ignorâncias, mesmo «santos», como gostaram, tantas vezes, de clamar os cronistas das ordens religiosas post-Trento em busca de exemplaridades para as suas histórias²¹ – o livro e, conseqüentemente, a leitura tornam-se, para nós hoje, qualquer coisa de quase incontornável... Curiosamente, porém, para além de uma obra como o *Agiológico Lusitano* (Lisboa, 1657-1744) de Jorge Cardoso e do seu continuador, D. António Caetano de Sousa, são algumas dessas crónicas monásticas e conventuais as fontes mais precisas sobre as leituras de muitos dos membros das suas ordens religiosas e muito especialmente – o que aqui lhes confere um carácter fundamental – das freiras... Naturalmente, nem todas essas crónicas registam com a mesma atenção as leituras que esses religiosos e religiosas foram fazendo e, mais naturalmente ainda, essa atenção é apenas indirecta, pois as registam somente como *um* dos instrumentos que serviram para alcançar essa exemplaridade de virtudes – digamos mesmo santidade, que, no fundo, é o que essas biografias pretendem expor nesses «hagiólogos» particulares que são muitas das crónicas das ordens religiosas post-tridentinas. Das mendicantes, que nos interessam especialmente aqui, Fr. Luis de Sousa e o seu continuador, Fr. Lucas de Santa Catarina, na *Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal* (Lisboa, 1623-1733) concedem-lhe escassíssima atenção, apesar de registarem dominicanos grandes leitores e senhores de

²⁰ José S. da Silva DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*, Coimbra, 1960, I, 2, 616 (Nota XXVIII em que trancreve as declarações referentes ao processo inquisitorial relativas ao círculo de Catarina Ribeiro, em 1572).

²¹ Maria de Lurdes C. FERNANDES, *História, Santidade e Identidade. O 'Agiológico Lusitano' de Jorge Cardoso e o seu Contexto in Via Spiritus*, 3 (1996), 25-68 aborda, por algum ângulo, esta questão.

fartas bibliotecas²²... Fr. Manuel da Esperança e Fr. Fernando da Soledade, na *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco da Provincia de Portugal* (Lisboa, 1656-1721), Fr. António da Piedade, no *Espelho de Penitentes. Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida* (Lisboa, 1728), Fr. Martinho do Amor de Deus, na *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição, Estrada segura para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de Santo Antonio da Regular Observancia...* (Lisboa, 1740), Fr. Manuel de Monforte, na *Chronica da Provincia da Piedade...* (Lisboa, 1751), Fr. Francisco de Santiago, na *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade...* (Lisboa, 1762) são igualmente parcos em tais informações... Fr. Jerónimo de Belém, porém, na sua *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algraves* (Lisboa, 1750-1758) dá – proporcionalmente, claro! – grande relevo às leituras das freiras de que traça as biografias. Infelizmente, rarissimamente poderemos saber se a maior ou menor atenção do cronista a tal aspecto é resultado de uma opção sua ou consequência das informações transmitidas²³... Com efeito, estas, que quase sempre chegavam de gente que nos conventos se encarregava ou era encarregada de registar o que era considerado relevante, poderiam valorizar outros aspectos biográficos – devoções..., penitências..., fenómenos extraordinários..., governo... – que não as leituras... De qualquer modo, parece legítimo supor que, em geral, a maior ou menor atenção do cronista dependia da atenção que lhe fosse transmitida «de dentro», isto é, desde os meios próximos, por tradição ou vivência, àquele de quem traçava a biografia... Casos, porém, houve em que, como veremos a propósito de Soror Clara do Sacramento, clarissa da Madre de Deus, terá omitido ou tornado menos precisas as informações das suas fontes. Apesar de tudo, talvez não seja pura casualidade – é uma hipótese que necessita de demonstração, se tal, algum dia, for possível – que as informações mais precisas sobre leituras de religiosas em Portugal no século XVII brotem dessa *Chronica Serafica da Provincia dos Algarves...*, província franciscana a que pertencia Fr. António das Chagas, incansável pregador e espistológrafo.... As suas *Cartas Espirituaes*, de que foram publicadas cerca de trezentas e sessenta e oito

²² Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, II, 2, 10 lembra «a copiosa livraria» do Doutor Fr. António Freire que, «dadaiva, que fora do Bispo D. Julião d'Alva, acrescentada com a liberalidade de Jorge da Silva, fidalgo muito rico...», a vendeu, com autorização do seu prelado, a favor das maiores vítimas da peste de 1569, os pobres, ficando «só com alguns de devoção». (Servimo-nos aqui e em adiante da ed. de Lisboa, 1866, III, 145)

²³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, I, *Introdução (Catalogo dos Escriptores da Provincia dos Algarves)*, ed. cit., CCXXVIII-CCLXIX aponta, embora não exaustivamente, algumas das que utilizou para a redacção da sua obra.

(Lisboa, 1684-1687, 1ª e 2ª parte respectivamente²⁴) dos muitos milhares que terá escrito, contém constantes recomendações da prática da leitura quer como exercício espiritual quer como «espiritual recreio» e, o que é mais, dão, muitas vezes, indicações precisas de obras a ler... Deste modo, ainda que apenas em contadíssimos casos se possam determinar as destinatárias das suas cartas ou, sequer, o convento em que viviam, essa correspondência de António das Chagas resulta numa fonte relevante para a questão das leituras entre as franciscanas – clarissas ou terceiras – da segunda metade de Seiscentos em Portugal e, de um modo muito especial, para as da Província dos Algarves a que também pertencia. Será, então, possível tentar aproximar as recomendações de Fr. António das Chagas e a realidade atendida pelo cronista e perguntar em que medida o recomendado pelo director se acerca do que a história reteve. Com a certeza de que em qualquer dos casos estamos a lidar com seleções – de cartas e de biografias –, será interessante atender a tal questão e tentar «medir-lhe» os resultados.

Veremos, contudo, que as fontes de informação não se esgotam neste tipo de documentos, pois parece ser legítimo aceitar que quem louvava, nem que em verso fosse, determinada obra, conheceria, além do seu autor, o seu texto... Mesmo que superficialmente? Infelizmente, as nossas fontes nem sempre dão as coordenadas – extensão e profundidade – das leituras feitas... Aceitemos que Soror Violante do Céu leu as obras sobre que escreveu louvores...

III. Estamos em crer que algo do que até aqui ponderámos poderá ajudar a responder a uma questão basilar: Quem lia? Neste momento, depois da alusão que fizemos à leitura em voz alta, em grupo, a questão poderia não ter grande sentido... Lendo ou ouvindo ler, todas liam... Mas, como dirá Fr. António das Chagas, «ler tudo sempre he bom, mas nem a todos he concedido ir pelo caminho que se lê em todos...»²⁵, o que equivale a dizer que nem todas leriam ou poderiam ler as mesmas obras e, para o que nos atine agora, do mesmo modo... A maior parte das obras recomendadas pelo varatojano e os conselhos que as acompanham parecem exigir uma leitura pessoal... Ler e praticar os *Exercícios* de N. Esquio... ou meditar no *Tratado do Amor de Deus* de S. Francisco de Sales... parece pressupor uma atenção directa, pessoal e constante, ao texto... «O Directorio de S. Francisco de Sales – escrevia, em data incerta, Fr. António das Chagas a uma sua dirigida

²⁴ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*, ed. cit., 118-119, dá conta, como já assinalámos, das diversas edições e das variantes, em número, das cartas publicadas.

²⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 20, 68.

que lhe pusera algumas questões sobre livros a ler – traga-o consigo sempre...»²⁶, o que equivale a recomendar, para além do mais, essa leitura pessoal – silenciosa? – da obra²⁷... Por sua vez, Fr. Jerónimo de Belém, ao anotar que tal religiosa lia tal obra nunca regista que o faz auditivamente²⁸... E se os milhares de cartas que escreveu Fr. António das Chagas puderem significar – como cremos significam – um elevadíssimo número de destinatárias que tinham capacidade de ler as suas cartas e, sublinhemos, a sua letra²⁹ – o manuscrito aumenta a dificuldade de ler –, então, talvez possam servir também de um índice que permita sugerir uma boa capacidade de ler entre as religiosas franciscanas nesses dias... Por seu lado, Fr. Jerónimo de Belém raramente – e dizemo-lo assim para salvaguardar qualquer falha nossa de leitura – aponta qualquer religiosa que não saiba ler, o que tudo somado parece confirmar a sugestão que acabámos de fazer... E, notemos, as cartas de António das Chagas e as informações de Jerónimo de Belém permitem conhecer leitoras de Lisboa – sobretudo desse aristocrático Mosteiro da Madre de Deus – de Évora..., de Elvas..., de Beja..., de Setúbal..., e até de Cernancelhe...

E, para além do breviário, o que se lia? Apesar de algumas pistas para a resposta já terem ficado sugeridas, convirá dizer que, em alguns momentos, ao parecer em épocas um tanto tardias desse Seiscentos português, a julgar pelos inventários das suas bibliotecas que chegaram até nós, lia-se muito e até, talvez, como em todas as épocas e lugares, de acordo com as modas e os tempos... De certo modo, dadas as condições de vida retirada que levavam – ainda que, como se sabe, não haja que tomar sempre a definição à letra – as leituras das religiosas dependiam de factores que vão

²⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 80, 233.

²⁷ Margot FRENK, *Entre la Voz y el Silencio. La lectura en tiempos de Cervantes*, Alcalá de Henares, 1997 aborda, com subtilidade, alguns destes «modos de ler», ainda que, obviamente, centrando-se no universo dos leitores e das leituras «profanas»... (Devemos a Victor Infantes a chamada de atenção urgente para esta obra).

²⁸ Não tão obliquamente como poderíamos pensar neste momento, pois teremos que o encontrar mais adiante a propósito da direcção espiritual prestada a duas clarissas de Vila Viçosa, terá algum interesse anotar aqui que Fr. Estêvão da Purificação, um célebre carmelita de vasta influência nos fins do século XVI e começos do século seguinte, em Lisboa e no Alentejo - Moura..., Vidigueira..., Évora... - que dedicava longas horas a orar vocalmente, segundo se pode ver pelo sem número »dos exercícios que teve passado o primeiro anno depois de seu chamamento», «não pronunciava com a boca sempre as palavras, antes a imitação de Anna mãe de Samuel, somente movia os beijos». Se assim rezava, também assim lia? Não vale a pena lembrarmo-nos aqui da admiração de Agostinho frente a Ambrósio, mas registar que o biógrafo de Fr. Estêvão sentiu a necessidade de registar esse modo de rezar vocalmente, por contraste, estamos em crer, com a prática corrente... Conf. Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal*, Lisboa, 1621, 48-59 e 72, respectivamente.

²⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 90, 145.

desde as existências bibliográficas na casa até à possibilidade – que pode ser oportunidade – de aquisição dos textos, passando pelo conselho do director ou pela obediência à mestra de noviças... As conceptionistas de Nossa Senhora da Penha de França, em Braga, por exemplo, possuíam, segundo o inventário da sua livraria feito em 1874³⁰, catorze edições (de Lisboa, entre 1742 a 1817) das *Visitas ao Santíssimo e a Maria Santíssima* de Santo Afonso de Liguori... Como não parece ser legítimo pensar que fossem coleccionistas, haverá que supor, se não quisermos defender que tal era o resultado de esmolos – mas, então, porquê especialmente esta obra? – que as freiras desse convento da ordem fundada por Santa Beatriz da Silva eram constantes e assíduas leitoras das *Visitas ao Santíssimo*... Por outro lado, por ser da mesma ordem, esperaríamos uma maior representação da obra de Maria de Jesus de Ágrede, isto é, da *Mística Ciudad de Dios* – duas edições – e dos *Ejercicios Espirituales de Retiro* – quatro edições – que, como outras obras devotas que correm sob o nome de Maria de Jesus, derivam dessa sua obra maior. No entanto, e seguindo com o mesmo exemplo, uma parte da sua biblioteca era constituída por novenas..., essas devoções que, como lembra Fr. Jerónimo de Belém, as freiras faziam antes das festas principais e das festas dos santos³¹... Esses textos devotos, contudo, continham orações e exercícios que, e é o prisma por que nos interessam aqui, tinham de ser lidos... Mas esta biblioteca de pouco mais de três centenas de títulos – incluindo alguns manuscritos, entre os quais uma tradução em português da *Arte de servir a Dios* de Fr. Alonso de Madrid³² – não deverá criar-nos ilusões quanto ao seu significado como possível «prova» de leitura entre essas conceptionistas... Quando muito, patenteia as possibilidades de variar a leitura. Por outro lado, não deveremos tomar esse número de volumes como um índice para outras casas e ordens, pois as clarissas de Caminha, segundo o inventário dos seus livros em 1891³³, não possuíam mais que 61 volumes, trinta dos quais eram diurnais e breviários... Liam menos do que as freiras de Braga? Apenas sabemos que tinham menos variedade de obras e que, conseqüentemente, podiam variar menos as suas

³⁰ O respectivo *Inventário* conserva-se na Biblioteca Pública e Universitária de Braga (F.M.C., F.129, Doc.3) e, como outros desse mesmo Fundo, será editado pelo C. I.U. H. E. da Universidade do Porto no âmbito de um Projecto de Investigação que vem desenvolvendo sobre esse tipo de inventários resultantes da desamortização dos bens conventuais em 1834.

³¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, II, 9, 11, ed. cit., 447, por exemplo.

³² É o n.º 284 desse *Inventário*. Deveria esta tradução algo à que fez Manuel Monteiro S.J. publicado em Lisboa, por Francisco da Silva, em 1741?

³³ O *Inventário* da livraria das clarissas de Caminha está hoje arquivado na Biblioteca Pública e Universitária de Braga (F. M. C., F. 580, Doc. 300).

leituras... O que, no fundo, até estava de acordo com os conselhos de muito director espiritual.

Curiosamente, no estado actual da questão, para a Ordem franciscana, conhecemos muito melhor as leituras de obras de espiritualidade das religiosas do que as dos frades... Os frades que liam, liam para estudar – não nos preocupe, para estas datas, a «questão dos estudos» entre os franciscanos – e, depois, para ensinar..., pregar..., dirigir espiritualmente..., confessar..., etc.. E os que não liam ou não tinham a obrigação de ler – os irmãos leigos, por exemplo? Estes quase sempre escapam à investigação... E as vidas edificantes que enchem as crónicas, quando a eles se referem, exaltam as suas virtudes, as suas penitências, muitas vezes até as suas santas excentricidades, mas calam as suas leituras... É, como já se terá concluído, uma perspectiva contrastante com a das freiras, já que estas, sempre que lhes foi possível ou oportuno, procuraram deixar constância do hábito de ler e, muitas vezes, dos livros mais apreciados e lidos. E se nos lembrarmos, como já tivemos ocasião de aludir, que essas biografias edificantes a que as crónicas modernas deram tanto relevo, dependiam, em larga medida, de documentação – memórias..., apontamentos... – enviados pelos conventos a que tinham pertencido esses membros ilustres em virtudes e onde tinham morrido em odor de santidade, podemos, então, suspeitar, uma vez mais, que as informações sobre leituras possam traduzir um ponto de vista preciso – a reivindicação de sabedoria espiritual... –, para não falarmos da eficácia de um paradigma «moderno» de grande leitora – e que foi santa: Teresa de Jesus... Aliás, como teremos ocasião de verificar, a larguíssima maioria das suas recomendações de leituras, tal como as suas cartas, são dirigidas a freiras... E, por isso, será sempre de perguntar se muito do recheio das livrarias conventuais femininas, no que diz respeito a obras de espiritualidade, não terá dependido das orientações e dos conselhos de directores espirituais e de confesores... Depois de tudo, podemos continuar a sugerir-lo quando vemos escrever, desde Sacavém, em data incerta, Fr. António das Chagas a uma religiosa que gostava de latins: «os livros de que V. M. me falla, se se acharem, ponha-os na livraria...»³⁴. Mas, esses que não liam, ouviriam ler? Evidentemente, para além do officio divino que é leitura e, nem valeria a pena referi-lo, contém «leituras», havia sempre momentos de leitura colectiva – no refeitório..., nas refeições espirituais, etc., ainda que não

³⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 80, 233. Qual o sentido da recomendação do P. Chagas? O dever colocar tais livros na livraria da casa significaria que todas as freiras os deveriam ler, ou, pelo menos, servirem para o uso de todas e não apenas para uso da simples destinatária da carta? Uma recomendação que, sem que no fundo sejam dissociáveis, tanto pode visar um apelo à leitura como ao espírito de Pobreza.

tenhamos encontrado, para estes tempos, explícitas referências à leitura em voz alta, em grupo³⁵.

Algumas alusões que ficaram feitas poderiam motivar a questão da existência nos conventos de um espaço ou, ainda melhor, um aposento, especial para os livros – as livrarias... Ultrapassando arcas e armários, possuíam os conventos femininos esse espaço? Mesmo para as casas mais importantes, a documentação sobre este aspecto é, tanto quanto sabemos, extremamente escassa..., tal como as simples alusões³⁶... Mesmo para um convento como o de Santa Maria de Jesus (ou S. Francisco) de Xabregas – a principal casa da Província franciscana dos Algarves – o que nos conta Fr. Jerónimo de Belém sobre a livraria da casa é muito limitado, embora, entre algumas críticas em nome da Pobreza, não deixe de lembrar que se deve à acção de Fr. Luis dos Anjos, quando provincial – 1610/1613 e 1623/1626 – e de apontar os luxos com que reformou o convento Fr. Diogo César, provincial de 1645 a 1648³⁷... De todos os modos, como vimos, algum mosteiro, como aquele para onde escrevia, desde Sacavém, Fr. António das Chagas, possuía o que se considerava a livraria³⁸...

³⁵ Fr. Fernando da SOLEDADE, *Historia Serafica*, ed. cit. III, I, 1, 43: «...ha tradição que quando sahião [os frades do convento de Nossa S^a. da Ribeira] a recrear-se a huma pequena horta junto da Rybeyra, levavão livro em que lião algua materia espiritual; com o fim tal vez de que sendo as creaturas espelhos enigmaticos do Creador, contemplassem logo nas flores, nas plantas, e nos frutos a Ferosura, o Poder, e Providencia de Deos, quando pelos mesmos objectos não decifrassem a vaidade, inconstancia, e miseria do homem».

³⁶ Victor Manuel Moutinho CARDOSO, *O Convento de Santo António de Vila Cova de Alva in Itinerarium*, 43 (1997), 71-138, publica o inventário deste convento (concelho de Arganil) feito em 29.1.1835 por cumprimento das leis da desamortização dos bens eclesiásticos e nele não aparecem referenciados quaisquer livros nem litúrgicos nem de estudo. Esta ausência poderia explicar-se em virtude de os primeiros, tal como as alfaias litúrgicas, se destinarem a ser distribuídos pelas igrejas mais necessitadas que as autoridades eclesiásticas indicassem, e os segundos não serem destinados à venda. Inventariados, deveriam aguardar um destino que, em muitos casos, tardou a ser definido. Se estas circunstâncias poderiam, como dissemos, explicar a ausência de referências à livraria da casa, não explicam, contudo, para estas datas, a ausência de qualquer aposento com funções de biblioteca. Com efeito, V. M. Moutinho Cardoso, com a planta do convento à frente, estuda as respectivas dependências – funções e património artístico – e não faz qualquer alusão à livraria. Um simples exemplo: mas que significado lhe devemos atribuir? Excepção ou regra?

³⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, II, 7, 4, ed. cit., 148 e I, «Introdução», ed. cit., CCXIV - CCXVI.

³⁸ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 162, 246 e I, 179, 270 refere-se a escritos seus, respectivamente, os «Suspiros e Saudades de Deos» e «huns exercicios para toda a semana de mortificação e oração», que, ao parecer, existiam nas casas em que viviam as religiosas destinatárias dessas cartas, sem, contudo, se poder saber se estariam na livraria... Ao parecer, como sugeria para o primeiro desses escritos, comunicavam-nos, umas às outras, as religiosas que os recebiam. Conf. *Cartas Espirituaes*, I, 69, 114: «Ahi vai esse papel de methodo de oração; como o trasladar pode servir a outras almas». Para o primeiro destes escritos poderá consultar-se o que escrevemos em *As Lágrimas e as Setas. Os 'Pia Desideria' de Herman Hugo, S. J. em Portugal in Via Spiritus*, 2 (1995), 169-201.

Por tudo o que fica exposto, apesar da limitada documentação de que dispomos, haverá, por agora, que procurar valorizar as informações sobre as leituras das freiras ao longo do século XVII, tentando, como já aludimos, captar, para além das leituras recomendadas, as leituras efectivamente «lidas»...

Mas ler – e, naturalmente, ouvir ler, ainda que não precisamente nos mesmos termos – conleva um modo – ou até uns modos? – de ler... Evidentemente não sabemos se, como recomendava, pelos fins do século XIV, o autor do *Horto do Esposo* a sua irmã, liam «passamente e non correndo»³⁹ ou, como, quase pelos mesmos dias, ensinava D. Duarte, «bem apontado»⁴⁰... Ler, porém, não implicava, imediatamente, uma atitude crítica, a não ser, muitas vezes, *a posteriori*..., quando por circunstâncias várias – condenações inquisitoriais..., críticas de directores..., não adequação à espiritualidade da ordem ou instituto... – se tinha de pôr de lado algum livro. Recordemos aqui, embora tenhamos que voltar ao exemplo, as críticas de Santa Teresa a *Via Spiritus* de Barnabé de Palma... Ler, porém, nas tradições da *lectio spiritualis* sempre conlevou, se não significou mesmo, como é bem sabido, a meditação..., pois ler, inclusivamente por «recreio espiritual», era sempre, como havemos de ver, meditar... Com efeito, se Venturino de Bergamo, em carta, escrita em Pradelles, em fins de 1336, a uma Soror Margarida aconselhava: «lisez [o livro] avec attention et sans courir, peu a la fois et lentement, et tout en lisant, demandez au très doux Christ crucifié de vous faire goûter par l'intelligence ce qu'il contient...»⁴¹, séculos mais tarde – deixemos, por agora, entre outros, os que dá Fr. Luis de Alarcón em *Camino del Cielo* (Alcalá, 1547)⁴² ou os que prodiga Juan de Ávila na sua correspondência – F. Quevedo, em *La Cuna y Sepultura*, aconselhando a «leer y meditar» alguns capítulos de S. Mateus e as *Epístolas* de S. Paulo, continuava: «no pases ningún capítulo adelante primero que poseas facilmente la sentencia de la meditación; que así es de

Que tinham, nas suas celas, livros que consideravam seus pode, com alguma certeza, deduzir-se, como veremos acerca de Soror Helena de Sousa, clarissa de Évora, do facto de a alguma freira terem encontrado tão poucos livros e bens na sua cela que tal foi exaltado como significativo do seu acendrado amor à Pobreza.

³⁹ ANÓNIMO, *Orto do Esposo* (ed. de Bertil Maler), Rio de Janeiro, 1956, I, 63.

⁴⁰ D. DUARTE, *Leal Conselheiro* (ed. de J. M. Piel), Lisboa, 1942, 348. Seria, algum dia, interessante comparar estes conselhos do ilustrado rei português com os que dá J. de Salibury no *Policraticus*, VII, 10 (conf. ed. preparada por Miguel Ángel Ladero), Madrid, 1984, 531-534.

⁴¹ Venturino de BERGAME, O. P., *Directoire Spirituel* (trad. et notes du R. P. de Boissieu, O. P.), s. a. (1924?), 98

⁴² Fr. Luis de ALARCÓN, *Camino del Cielo. Y de la Maldad y Ceguedad del Mundo* (ed. de Ángel Custodio Vega, O. S. A.), Barcelona, 1959, 66 - 93.

provecho lo que se lee, que de otra suerte sólo es entretenimiento...»⁴³. Liam assim as franciscanas e clarissas portuguesas e outras ao longo do século XVII? Nunca, naturalmente, o poderemos saber com precisão, já que não dispomos de referências ao assunto que traduzam a experiência de um sujeito leitor - neste momento de uma leitora - no contexto cultural do seu convento... No entanto, algum conselho de um director como Fr. António das Chagas - ele que raramente deu directamente conselhos sobre modos de ler - poderá ajudar a vislumbrar o modo como leriam - ou seria desejável que lessem - aquelas religiosas a quem dirigia: «Se tomar recolhimento, ou retiro, leya e aonde a lição lhe fizer proveito, pare, e fique até quase acabe a chãma, e tome por empresa sahir com alguma virtude em que se fique, ou a humildade, ou o silencio, ou a paciencia, ou o desapego das suas inclinaçoens, pedindo nos principios e nos fins a nosso Senhor lhe inspire, e ensine sua divina vontade...»⁴⁴. Aponta Fr. António à mesma tradição que rapidamente evocámos? Sem dúvida, mas indo, embora, um pouco mais além.

Como, certamente, teremos reparado, tal instrução diz respeito ao modo de ler em tempo de recolhimento ou retiro: «Se tomar recolhimento, ou retiro, leya...». A mesma orientação vem reafirmada, com novas precisões, aliás, em outra carta a que igualmente falta a data: «Tendo V. M. retiro, convém que ao menos tenha tres horas de oração, duas de lição espiritual, e esta seja conforme a oração que tiver. Se a oração é nos Novissimos, importa que do mesmo seja a lição; se he da vida de Christo, que a lição seja do mesmo, e para mais recreação leya as vidas de alguns santos ou santas, especialmente daquellas que deve, ou intenta imitar...»⁴⁵. Não interessa aqui, apesar do importante que seria tentar documentar um aspecto pouco conhecido das leituras de Fr. António das Chagas, comparar estas instruções com as que reitera Juan de Ávila na sua correspondência⁴⁶, mas talvez seja legítimo sugerir que seria do mesmo modo ou de um modo aproximado que esperava ver cumprir os seus conselhos para praticar os sempre recomendados *Exercicios* de N. Ésquio, pois «quem os fizer bem, impossivel he não chegar à divina união...»⁴⁷. Com efeito, se escrevia em outra carta sem data: «No que toca à mortificação dos sentidos leya por Ésquio o quarto exercicio e faça por ficar nelle...», e em outra ocasião

⁴³ Francisco de QUEVEDO, *La Cuna y la Sepultura para el Conocimiento próprio y Desengaño de las cosas ajenas* in *Obras Completas*, Madrid, 1961, I (*Obras em Prosa*), 1210.

⁴⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 97, 157.

⁴⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 179, 270.

⁴⁶ Juan de ÁVILA, *Obras Completas*, I (*Epistolario. Escritos Menores*), Madrid, 1952, 266 (carta a Fr. Luis de Granada), 661 et *passim*.

⁴⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 143, 215.

(Porto, 29.5.1677) precisava: «Não se esqueça de Ésquio, e veja se tem os sinaes⁴⁸, que pedem os exercicios, se lhe he facil entrar em Deos cada vez que quer, e se he já a memoria, e amor de Deos como respiração...»⁴⁹, em outro momento incerto (1680?), em correspondência desta vez com um amigo, os esclarecimentos, ainda que breves, acercam-se daquele modo de ler em dias de recolhimento: «Continue os exercicios que lhe disse, tocando o P. Puente nas meditaçoens que pertencem à sua oração...»⁵⁰. No entanto, como se terá notado, além dessa leitura meditada que, em remissão recíproca, integra o tempo de oração mental, há também um outro tipo de leitura que, sem largar a meditação, e consequência importante desta, se propõe objectivos práticos de vida. É a leitura de «espiritual recreio» a que, recomendando-a, alude algumas vezes nas suas cartas.

«Continue V. M. – escreve Fr. António, em carta sem data e sem lugar, a uma madre clarissa que, por esses dias, se ocupava da enfermaria – os exercicios; leya as vidas dos Santos, e use do espiritual recreio dos livros que tratão de Deos...»⁵¹. E escrevendo do Varatojo, em data incerta, a outra que, ao parecer, se lhe queixara da esterilidade da oração, aconselha: «O tempo, que puder ter para se divertir, leya, e leya vidas de Santos, ou o Combate Espiritual, ou o Amor de Deos de S. Francisco de Sales, ou o Padre Puente; e tome os seus exercicios por exercicio, que são excellentes, na forma que aconselha no Prologo...»⁵². E em carta datada de «Sacavem, em dia de S. Bernardino, «e que já utilizámos desde outro ponto de vista, pondera: «Os livros, em que V. M. me falla, se se acharem, ponha-os na livraria. O Directorio de S. Francisco de Sales traga-o consigo sempre; o Eschio para os exercicios. E quando tomar horas de divertimento, leya por aquelles que tenham as materias, em que V. M. se exercita. Leya tambem pelo Andrade; que os exemplos são às vezes esporas do espirito...». Em qualquer das ocasiões e circunstâncias, as vidas dos santos – o *Itinerario Historial* (Madrid, 1648) de Alonso de Andrade, S.J., se é a essa obra a que alude, é um largo repertório de exemplaridades – ocupam um lugar de destaque nessa leitura de «recreio espiritual» ao lado de S. Francisco de Sales e de L. de La Puente, tendo sempre Fr. António das Chagas o cuidado de distinguir o que é para ser lido no tempo de oração mental e o que é para ler em «horas de divertimento», momentos que, evidentemente, como

48 Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes e, Morte com opinião de Santidade do Venravel Padre Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 294-310 traz, extraídos do *Espelho do Espirito*, obra inédita até 1863, os catorze sinais do amor de Deus. Serão esses?

49 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 158, 239.

50 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 176, 267.

51 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 21, 71.

52 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 45, 136.

explicita, não são alheios ao *modus orandi* próprio de cada qual. No entanto, não nos atreveríamos a dizer que este «espiritual recreio dos livros» fosse sempre uma leitura pessoal e directa – e, talvez, silenciosa, especialmente no que diria respeito às obras hagiográficas. Com efeito, para além de, em alguma ocasião, Fr. Jerónimo de Belém nos mostrar um grupo de clarissas a ler e a comentar na Madre de Deus, antes de 1644, o *Purgatório de S. Patrício*, vemos que também, alguma vez, também nas cartas do Padre Chagas perpassa a alusão a essa leitura em voz alta e em grupo. Efectivamente, em carta de cerca de 1676, recomenda a uma sua dirigida que teima em lhe escrever apesar de lhe ter ordenado que o não fizesse...: «Leya poucos livros que os muitos confundem; se pegue a hum, e especialmente o escolha, seja qual for; e que ouvindo as virtudes e vidas dos Santos as imite quanto puder...»⁵³, conselho em que parece distinguir-se o ler do ouvir ler... E a leitura pessoal – silenciosa? – da leitura em grupo em voz alta? Muito possivelmente⁵⁴.

O breviário, que antes de ser oração é texto a ser lido e ouvido..., os livros a ler em recolhimento e «em recreio espiritual»..., as cartas do director espiritual que se recebem..., os métodos de oração que este envia e que há que copiar – «Ahi vay esse papel para methodo de oração; como o trasladar, pôde servir a outras almas»⁵⁵ – tudo regulado por horas – uma hora ..., duas horas de leitura, consoante as circunstâncias⁵⁶ – insinuam, para além do mais, um mundo em que o livro e a leitura desempenham um papel de relevo..., papel que toca quase as fronteiras do profissional... Um relevo que, além de possíveis facilidades económicas e de acesso aos circuitos de distribuição do livro – aspectos que seria importante poder documentar –, deve muito, como será facilmente aceitável, à orientação de confessores e directores, para além de outros estímulos, como, por exemplo, as pinturas em altares e claustros com a Virgem⁵⁷ e santos lendo ou segurando um livro – pensemos, por exemplo em tantos trabalhos de um Francisco Henriques⁵⁸

⁵³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 90, 145.

⁵⁴ Margot FRENK, *Entre la Voz y el Silencio...*, ed. cit., 25, 73-86.

⁵⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 69, 114.

⁵⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 92, 149: «no ler não ponho preceito, senão conforme tiver o tempo, e o desafogo, tome a lição»; II, 17, 58: «e ao menos leya huma hora cada dia, ou junta, ou dividida.»; II, 86, 251: «Lea V. M. todos dias ao menos huma hora, se a occupação der lugar...».

⁵⁷ Santo Agostinho, *De Natura Domini, Sermo 6*. 5 sugere que a Virgem Maria teria sido uma atenta leitora das Escrituras, donde terá resultado a difusão desta visão tão divulgada no século XVII. Conf., por exemplo, Tristão Barbosa de CARVALHO, *Peregrinaçam Christam*, Lisboa, 1620, 140v.

⁵⁸ É fácil seguir esta nossa sugestão através do catálogo da exposição dedicada ao pintor em Évora: *Um pintor em Évora – Francisco Henriques – no tempo de D. Manuel I*, s. a. (1997) s. l.

–, esse livro que, para além dos seus simbolismos, podia ser «lido» como um convite exemplar à leitura... Por referência a este mundo de franciscanas e clarissas, podemos facilmente imaginar qual seria a reacção do seu Fundador a tantos livros e leituras..., mas podemos ter a certeza que, num gesto muito seu, lançando cinzas na cabeça, se interrogaria quando lesse estes conselhos de um filho seu: «Eu não quizera, que as freiras se occuparão nisto, [em fazer verónicas] salvo quando em peyor cousa se occuparão; porque ainda que he santo o trabalho de mãos, que não está o espirito para toda a hora; com tudo nas casas capuchas, e occupadas, passado o serviço das communitades, e obrigaçoens de officio, ou estado, e as horas de oração e exercicio, folgara que as mais se occuparão em lição das vidas de santos, e em oração...». Este filho de S. Francisco que isto escrevia era, como já teremos suspeitado, Fr. António das Chagas, em carta datada de Guimarães, em 22.12.1677 (1678?).

IV. Como estaremos lembrados, já ficou referido algum texto em que Fr. António das Chagas insiste na liberdade de escolha das leituras a fazer – o importante é que se leia –, chegando mesmo a oferecer listas de leituras possíveis apropriadas às circunstâncias de vida e de progresso espiritual das destinatárias, sempre privilegiando as vidas de santos. «Lea V.M. – escrevia ele, por exemplo, em carta que é possível datar de Lisboa, 1676 ou 1677 – todos os dias ao menos outra hora, e seja a lição de vidas de Santos, Obras de S. Francisco de Sales, do Padre Puente, Alonso Rodrigues, Eusebio e qualquer outro espiritual...»⁵⁹. Convém, porém, notar que, apesar disso, teremos até aqui procurado sublinhar a importância do papel de «directão da leitura» que, sem dúvida, coube a mestre de noviços..., confessores..., directores espirituais... No entanto, de todos estes conselhos não parece ser legítimo deduzir, sem mais, que as obras recomendadas tivessem sido efectivamente lidas... Aconselhar não garante o acolhimento do conselho, embora, dadas as pessoas envolvidas e o tipo de relação entre elas – uma espécie de hierarquia espiritual –, poderemos (poderíamos?) sempre supor – mas apenas supor – que tais conselhos foram, sempre que possível, seguidos. Soror Violante de Jesus Maria, por exemplo, levando a cabo os conselhos da mestra de noviças, lê, na quaresma de 1657, os *Trabalhos de Jesus*, leitura de que resultou uma «oitava» à cruz de Cristo que publica, quase como prova para nós, Fr. Jerónimo de Belém⁶⁰... Nem sempre – ou nem sempre imediatamente – tal seria factível. «Os livros de que V. M. me falla –

⁵⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 86, 251.

⁶⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 293.

escrevia António das Chagas – se se acharem, ponha-os na livraria...»⁶¹. Teremos, algum dia, a certeza de que essa freira chegou a poder comprar o *Directório de Religiosas para su espiritual perfección* (Madrid, 1656) de S. Francisco de Sales..., os *Ejercicios Divinos de las tres vias* de N. Eschio (de que, pelo menos, havia, além das quincentistas, em português – Lisboa, 1554, 1555 – uma edição de Madrid, em 1613, outra de Sevilha, em 1614, uma outra de Zaragoza, em 1625, e ainda uma outra de Lisboa, em 1669)... e, possivelmente, o *Itinerario Historial* (Madrid, 1648, etc.) de Alonso de Andrade que, pelo contexto, podemos aceitar que fossem alguns dos livros por que se interessava a religiosa? Terá uma outra «Madre Soror F», a quem, estando no Varatojo, escreve em carta sem data, lido o *Combate Espiritual* de Lorenzo Scupoli – de que havia uma edição em espanhol, em Lisboa, em 1630⁶² – o *Tratado do Amor de Deus* de S. Francisco de Sales, as *Meditaciones sobre los Principales Misterios de Nuestra Fe* (Valladolid, 1605) de Luis de La Puente e seguido, conforme lhe é indicado, «os seus [L. de la Puente] ejercicio por ejercicio, que são excellentes na forma, que aconselha no Prologo»⁶³? E dos livros que lhe sugeria – vidas de santos..., obras de S. Francisco de Sales..., do Padre La Puente..., de Alonso Rodríguez... , de Eusebio Nieremberg – qual dos autores e qual das suas obras teria escolhido e lido aquela religiosa que se encontrava – desde há pouco? – provida em officio conventual que lhe tomava muito tempo⁶⁴? Teria mesmo lido algum desses ou teria ficado pelas vidas de santos? Também nunca teremos a certeza de que aquela religiosa a quem Fr. António, para lhe facilitar o exercício da virtude da compunção, recomendava que lesse «em S. João Climaco no principio o grao que trata do pranto espiritual»⁶⁵, pôs em prática – ou, por circunstâncias várias (disponibilidade da obra, conhecimento dela...), se poderia até tê-la posto – a leitura da *Escala Espiritual* de que havia uma tradução por Fr. Luis de Granada (Alcalá, 1553). E aquela senhora – por «Senhora minha» se lhe dirige – a quem recomenda vivamente que «siga o sexto ejercicio de Eschio, até não achar

⁶¹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 80, 233.

⁶² Se foi esta a edição de que dispuseram as religiosas a quem o P. Chagas aconselhou a leitura dessa obra, então, seguramente, leram também as *Meditaciones de los dolores mentales de Christo* do mesmo autor, L. Scupolli. Conf. Sousa VITERBO, *A Literatura Espanhola em Portugal*, Lisboa, 1915, 427.

⁶³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 45, 136. Por *Prólogo das Meditaciones de La Puente* deveria entender o P. Chagas a *Introducción en que se pone una suma de las cosas que abraza la práctica y ejercicio de la oración mental*.

⁶⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 86, 251: «Lea V. M. todos os dias ao menos outra hora, se a occupação der lugar, e seja a lição vidas de Santos, Obras de S. Francisco de Sales, do Padre Puente, Alonso Rodrigues, Eusebio, e qualquer espiritual, não variando muito...».

⁶⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 68, 129.

repugnância na vontade para se exercitar em todos...»⁶⁶, teria conseguido levar o conselho até a esse ponto? Nunca o saberemos, como não saberemos se uma outra Madre terá lido, «huma hora cada dia, ou junta ou dividida», como lhe recomendava Fr. António, «alguma lição que fale da morte ou vaidade do mundo, ou na brevidade da vida, ou na terribilidade da conta, ou na glória da celeste patria e divina formosura», mesmo sabendo que encontraria «tudo isto nas partes do Padre Puente, ou na vida de Santos»⁶⁷... Nem mesmo uma nota como esta última que parece admitir uma certa facilidade para encontrar as *Meditaciones* do célebre jesuíta, será suficiente para sequer nos dar a certeza dessa leitura..., leituras que, como tantas vezes acontece, dizem mais respeito a leituras do director que a interrogações do dirigido... Curiosamente, porém, todos estes autores – N. Eschio..., S. Francisco de Sales..., Luis de la Puente..., Alonso Rodríguez..., Lorenzo Scupoli..., Alonso de Andrade..., Eusébio Nieremberg..., isto é, esses poucos autores verdadeiramente aconselhados pelo varatojano – raramente aparecem efectivamente lidos pelas religiosas de que conseguimos controlar algumas leituras. Aliás, se Luis de Blois aparece uma ou outra vez, Tauler – não nos preocupa aqui, se o autêntico ou o «criado» por L. Surius e N. Canisio – e, apesar de ter conhecido algumas edições no século XVII e XVIII, nunca vem referido entre as leituras que as crónicas registam... Iremos negar que, editados e aconselhados, foram lidos? Não parece possível... Ou, apesar de tudo, terão sido menos lidos entre as religiosas do que poderíamos pensar depois de tantas recomendações? Uma possibilidade de resposta poderia ser encontrada no confronto das leituras aconselhadas a uma sua dirigida por Fr. António das Chagas com as leituras registadas na biografia dessa freira... Infelizmente as destinatárias das *Cartas Espirituaes* do P. Chagas são, praticamente, anónimas e, curiosa e mais infelizmente ainda, das suas dirigidas biografadas por Jerónimo de Belém quase nunca se referem as suas leituras... E dissemos «quase», porque houve uma excepção – a da inglesa Soror Helena da Cruz, da Madre de Deus, mas esta conhece a direcção do Padre Chagas por pouco tempo, tendo sido verdadeiramente dirigida por outro franciscano, Fr. João de Santo Estêvão. Esta Soror Helena da Cruz, como veremos, parece ter apreciado as obras de Maria de Jesus de Ágreda, obras que Fr. António das Chagas nunca recomenda, ainda que alguma vez parece aceitar a sua leitura... Também nunca o vemos recomendar a obra de Teresa de Jesus – ele que, ao parecer, nunca terá lido todas as cartas da santa abulense⁶⁸... – e sabemos que na Madre Deus, e em

⁶⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 68, 112.

⁶⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 17, 58.

⁶⁸ Fr António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 5, 26.

seus dias, Santa Teresa era não só venerada como era autora estimada... Mas, a este propósito, convirá recordar que sempre houve leituras silenciadas...

Com efeito, sempre houve obras que, apesar de lidas, foram, por desinteresse de informação ou por qualquer outra razão – inclusivamente, por crítica ou censura *a posteriori* – silenciadas... Estas resultam visíveis quando se «descobrem» as fontes – de qualquer tipo ou extensão – de um texto..., se bem que neste mundo conventual feminino – e, possivelmente, também no masculino – confessores..., directores..., as freiras mais lidas... desempenharam, muitas vezes, o papel de fonte de ideias e imagens... Muito de Santa Teresa se pode explicar deste modo..., tal como ela pode ser um bom exemplo de uma leitora que, alguma vez, silencia os livros que leu... Nunca declarou o título de uma obra que leu e que critica – o *Via Spiritus* de Barnabé de Palma –, apesar de ter sido uma leitura que deixou marcas precisas tanto no *Libro de la Vida* como no *Camino de Perfección*... Mas tanto as críticas como «ese pequeño grupo de figuras logradas» que de *Via Spiritus* passaram para o *Camino*⁶⁹ mostram a atenção com que se demorou nessa obra do franciscano e a impressão que a mesma lhe causou... Entre as clarissas portuguesas encontraremos quem tenha lido a *Vida do Beato Henrique Suso* de L. Surius e o imite e nunca na sua biografia se aluda a essa sua leitura... Do mesmo modo, como teremos ocasião de verificar, sabemos, por informação oblíqua, que no mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa havia quem lesse Fr. Luis de Granada, sem que tal leitura tenha merecido qualquer referência objectiva... E donde teria copiado Soror Brígida de Santo António (1576-1650), cimeira figura dos começos das brigittinas entre nós, aqueles «documentos de alguns Santos que escreveo a Veneravel Madre Brizida sendo moça, para se avivar no serviço, e amor de Deos»⁷⁰? Mesmo que possa ter lido algo de Santo Agostinho – o que não sabemos, pois nunca na sua biografia se alude a qualquer leitura –, não parece crível que tenha lido S. João Crisóstomo..., S. Tomás de Aquino... ou tratados sobre a questão *de auxiliis*...

Por outro lado, há livros elogiados e que, por razões várias – idade..., saberes..., situação (noviça/professa), etc. – podem ser ou não recomendados. E mesmo no caso do elogio coincidir com a recomendação de leitura, também neste caso ficaremos sempre diante de um convite – mas

⁶⁹ Tomás de la CRUZ, O.C.D., na sua ampla *Introducción a Camino de Perfección*, Roma, 1965, II, 58-60 inventaria, e estuda, essas marcas da atenta leitura de *Via Spiritus* por parte de Santa Teresa. (O primeiro volume desta preciosa edição reproduz em *facsimile* o ms. autógrafa de Valladolid).

⁷⁰ Agostinho de SANTA MARIA, O.S.A.D., *Historia da Vida Admiravel e das Accções Prodigiosas da Veneravel Madre Brizida de Santo António*, Lisboa, 1701, 271-273.

apenas de um convite – mais caloroso a que sejam lidos... Quando, porém, Fr. António das Chagas, desde Setúbal, em data incerta, escreve: «Excellent livro he para tudo isto o Combate Espiritual, o que eu entendo que V. M. ha mister, como de pão para a boca»⁷¹, nunca teremos, apesar da premência da recomendação, qualquer certeza de que esse «excelente livrinho» – assim o classifica em outra ocasião⁷² – tenha sido efectivamente lido... E o mesmo se diga dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola que, se a sua correspondente os pudesse encontrar, deles se devia aproveitar, porque «são santissimos»⁷³... Tê-los-ia encontrado? Um dos livros mais recomendados e elogiados por Fr. António das Chagas é, sem qualquer dúvida, os *Exercícios* de N. Esck que, segundo o mesmo Chagas, «tem notavel fogo, e luz do Espirito Santo»⁷⁴... De todas as vezes que os elogiou e recomendou terão sido lidos e praticados⁷⁵? Não sabemos, mesmo sabendo que o pirronismo não é – ou nem sempre é? – metodologicamente aconselhável...

De qualquer modo, talvez possa aceitar-se que todas as referências, como as que acabámos de repassar, a livros recomendados e elogiados, para além do que nos informam sobre as leituras, mais ou menos atentas, de quem aconselha e louva, poderão formar aquilo que talvez se possa dizer a «biblioteca selecta de espiritualidade» para uso das religiosas – neste caso, sobretudo das franciscanas e clarissas – em Portugal na segunda metade do século XVII... Curiosamente, no nosso caso, a estar ainda pelas referências precisas que estudaremos, é uma biblioteca bem parca... Também, é verdade, os conselhos não iam no sentido de ler muitos, mas, sim, de ler «poucos, que os muitos confundem...»⁷⁶.

V. É, porém, possível ir um pouco mais além, pois podemos encontrar muitas recomendações que não são mais do que a confirmação de leituras já feitas..., de outras que se andam a fazer..., de livros que se conhecem directamente ou por ouvir falar e sobre os quais se quer uma opinião, etc..

⁷¹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 41, 125.

⁷² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 10, 38.

⁷³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 145, 234.

⁷⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 143, 215.

⁷⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 14, 49: referindo-se, tendo em conta a identidade das expressões com em outras ocasiões com que os elogia, aos *Exercícios* de N. Eschio, escreve: «No que toca aos exercicios, tenho por acertado, que V. M. gaste todos os dias que lhe parecer, em qualquer dos exercicios; porque qualquer delles bem obedecido, faz chegar à perfeição [...] Nenhuma perda tem V. M. em que os outros exercicios se lhe varressem; porque creyo, que estes são os mais seguros de quantos tenho achado no caminho do espirito».

⁷⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 90, 145.

Assim, quando o P. Chagas escreve, desde Viana do Castelo, em 28.3. (1678?): «Ieya V. M. quando puder essas quintas essencias do P. Puente; ainda que me parece, que quem lhe resumio a substancia, não terá o mesmo espirito»⁷⁷, podemos ter quase a certeza de que a correspondente conhecia – não teria, porém, lido – o divulgado *Compendio de las Meditaciones del P. Luis de la Puente* (Madrid, 1616)⁷⁸, pois de outro modo, estamos em crer, Fr. António, respondendo, não escreveria *essas*, mas, antes, *as* e não acrescentaria aquela pequena dúvida sobre o real interesse de um trabalho que, tal como ao seu autor, não conhecia... A uma outra sua filha espiritual, em carta sem data e sem lugar, confessa: «Não vi o livrinho de S. Filippe Neri, que V. M. me diz...»⁷⁹, comentando, porém, de acordo com a sua insistência em ler poucos livros, mas lê-los bem, que «ver a todos he bom, mas convem atar o entendimento, e não querer caminhar por todos...». Se neste caso também não podemos assegurar que essa religiosa tivesse lido a obra, podemos garantir que, pelo menos, a conhecia.

Em situação próxima parece estar aquela madre que lhe tinha falado em certos livros – ao parecer o *Directório* de S. Francisco de Sales..., os *Exercícios* de N. Esck..., talvez mesmo o *Itinerario Espiritual* de Alonso de Andrade... – e a quem recomenda, como já sabemos, que «se se acharem, ponha-os na livraria». Podemos aqui ter a certeza de que essa freira, apesar de não existirem na biblioteca da casa, conhecia a existência dessas obras. «As cartas de Santa Teresa – escrevia o mesmo P. Chagas em carta de Viseu em 16.7.1678 – com as notas de Palafoz tive depois de frade. Não li muito dellas; porque sempre me falta tempo para mim...»⁸⁰, confissão que, como a anterior, denota uma questão – um pedido de informação? – sobre essa obra de que a sua correspondente sabia, pelo menos, a existência... Outro tanto se poderá dizer de uma declaração sua, em carta de Viana em 28.3.1677 (1678?), acerca de uma obra do Padre Bartolomeu do Quental publicada mais de dez anos antes (Lisboa, 1666): «Ainda que não tive tempo de ler a Infancia de Christo, tenho o seu Autor por varão perfeito»⁸¹. Por vezes, as correspondentes deveriam parecer-lhe um tanto impertinentes quanto a perguntas sobre livros, a avaliar pelo tom da resposta a uma delas, em carta

⁷⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 20, 68.

⁷⁸ Não se trata, como se poderia pensar à primeira vista, de *Meditaciones sobre los principales Misterios de la Fé*, mas, sim, de um seu «resumo», obra que não deverá ter conhecido menor fortuna do que a obra principal.

⁷⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 28, 94.

⁸⁰ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 5, 26. O varatojano refere-se, evidentemente, à primeira edição de *Cartas de Santa Teresa de Jesus* (Zaragoza, 1658) com comentários de D. Juan de Palafox y Mendoza.

⁸¹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 20, 68.

sem data e sem lugar: «Dos livros darei a V. M. também aviso e noticia; e folgára que V. M. tivera hora de lição das vidas dos Santos, que na verdade são os mayores despertadores para quem tem juizo, e se quer aproveitar das marés de Deos; as Cortes santas, que essa Senhora inculca, e em Hespanhol ha muitas; achará também V. M. com facilidade as nossas Chronicas e outros livrinhos, de que faremos memoria quando o tempo der mais lugar...»⁸². Apesar da pressa, e de um certo remoque que vai naquela sua valorização da literatura hagiográfica – uma insistência muito sua também –. António das Chagas lá vai respondendo... E, desse modo, ficamos a saber que essa freira apenas conhecia a *Corte Santa* de N. Causin por uma senhora nela lhe ter falado e recomendado⁸³... Talvez também lhe tenha a sua correspondente perguntado onde poderia descobrir as Crónicas da ordem..., o que parece indicar que não as haveria no convento, apesar da facilidade em as encontrar⁸⁴... De Viseu, em 13.8.1678, a uma religiosa que muito se interessava pela sua actividade missionária, declara: «Ande V. M. nas missoens em espirito, que assim o fazia a veneravel Soror Joana de Jesu Maria [...] O Padre Gavarre foi grande missionário, e muito exemplar; eu vi seus livros, queira Deos que haja muitos, que se aproveitem dos seus exemplos...»⁸⁵. Tudo parece indicar que a religiosa lhe falou no missionário espanhol e em alguma obra sua⁸⁶... Para o alertar para a sua importância? A outra «muito reverenda Madre», que, ao parecer, se lhe queixara de ter que lidar com o mundo, em carta sem data nem lugar, contesta: «A veneravel Madre Maria de Jesus tinha mais lida com creaturas, que V. M. e não se queixava, porque dentro de si trazia sempre o deserto, e o oratorio, se

⁸² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 193, 288.

⁸³ Das traduções e edições da obra de N. Causin, Fr. António das Chagas († 1682) poderia conhecer, pelo menos, a de Antonio Cruzado y Aragón (Madrid, 1664) e a de Pedro González Godoy (Madrid, 1670) que, depois, tiveram várias reedições (Barcelona, 1696-1698 e 1718; Madrid, 1726, etc.). Curiosamente, não parece referir a tradução portuguesa de António Pires Galante (Lisboa, 1652). Para a difusão desta obra em Portugal pode ver-se de Zulmira Coelho dos SANTOS, *Da 'Corte Santa' a corte santissima em Portugal* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, 1993, 205-215.

⁸⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 71, 116, dirigindo-se a um seu superior, confessa: «Ainda que não li tudo em todas as Chronicas, de todas li quasi tudo, e bastantes exemplos tenho na memoria do que V. R. me diz, e me aponta».

⁸⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 205, 303.

⁸⁶ Que obra ou obras do P. José Gavarri, O. F. M. terá referido essa religiosa a António das Chagas? As *Instruções Predicables y Morales, no comunes, que deben saber los Padres Predicadores y Confesores, en especial los misioneros apostolicos*, Sevilla, 1673? Ou *El Cristiano Reformado que añadio al que compuso el P. Ferrer*, Zaragoza, 1660? Ou ainda *Advertencias muy importantes para desterrar la ignorancia y conseguir la vida eterna*, Madrid, 1667? À edição de Lisboa, por João Galvão, em 1683 de *Breve Sumario y explicacion de los preceptos de nuestra serafica Regla* não se pode referir, pois é posterior à morte do «Fradinho»...

lhe parecem bem os seus livros, siga com o exercicio o exemplo...»⁸⁷. Aqui, o contexto torna possível defender que essa madre conhecia bem a obra e a terá referido ou aludido à personalidade de Maria de Jesus de Agreda... Se assim não tivesse sido, seria de esperar que em lugar de *se lhe parecem bem os seus livros* escrevesse o Padre Chagas *se lhe parecerem bem...* De todos os modos, esta alusão à leitura da celebradíssima e polémica obra – *Mística Ciudad de Dios* (Madrid, 1670) – da não menos famosa concepcionista é a única que encontramos na correspondência de António das Chagas e, mesmo assim, sem o calor que costuma pôr nas suas recomendações...

Dentro deste âmbito, é, contudo, possível encontrar ainda situações em que se pode afirmar que a correspondente do P. Chagas já tinha lido a obra por que se interessa. «Não me pezará – escreve o missionário varatojano em carta que é possível datar de 1678 a uma religiosa – que se tornasse a refrescar com o Combate Espiritual, que he excellente livrinho...»⁸⁸. De igual modo, quando diz a uma Madre não filha de S. Francisco – refere-se a «meu Padre S. Francisco» e não ao «nosso» –: «Muito me alegre que V. M. se aproveitasse do livro de S. Pedro de Alcântara, porque são sem engano esses exercicios cada dia do oytavario de meu Padre S. Francisco...»⁸⁹, é possível garantir que a sua correspondente⁹⁰ lera, efectivamente, o *Tratado de Oración y Meditación* (Lisboa, 1556-1558)⁹¹ do alcantarino. Na mesma ordem de ideias, quando responde a uma freira sua dirigida em carta de Évora (11.4) – «Nos exercicios siga V. M. a ordem, que atégora, excepto em chegando ao ultimo de Esquio, no qual eu encômendo, e mando, a V. M. (pois tanto gosta disto) que continue o mais da vida como o mesmo exercicio ordena»⁹² – temos a certeza de que a freira já andava a ler e a praticar os *Exercicios* de Esck e que os continuaria... O

⁸⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 190, 284.

⁸⁸ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 10, 38.

⁸⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 60, 102-103. O próprio P. Chagas apresenta, em outra carta «a huma religiosa» o essencial do *modus orandi* de S. Pedro de Alcântara da seguinte forma: «O modo de oração de S. Pedro de Alcântara, depois que achou centro ou ninho, era dizer aquelle verso de David: *Anima mea ingredere in requiam tuam*; bem quizera eu tivera V. M. a mesma.» (*Cartas Espirituaes*, I, 77, 124).

⁹⁰ Poderá sugerir-se tratar-se de uma dominicana, pois, logo no começo dessa carta, refere-se ao cuidado («lembrança») que a religiosa destinatária da sua carta tinha «da alma de minha irmã», possivelmente uma das que foram dominicanas em Moura – Leonor das Chagas e Brites do Lado. Conf. Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 20, n° 1.

⁹¹ Ainda que tal assunto não diga, directamente, respeito ao objecto da nossa investigação, convirá recordar, sobre o «estado da questão» da polémica à volta da atribuição deste *Tratado* a S. Pedro de Alcântara ou a Fr. Luis de Granada, as ponderadas páginas que lhe dedica Rafael SANZ VALDIVIESO, O. F. M., *Vida y Escritos de San Pedro de Alcántara*, Madrid, 1996, 201-226.

⁹² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 61, 104.

mesmo se diga de outra a quem recomenda em carta de Viseu, em 9.3.1677: «Continue os exercicios de Esquio, o melhor que lhe for possível, que ainda que imperfeitamente se fação, para a perfeição encaminhão...»⁹³.

Seguramente teremos notado, confirmando algo que, com alguns riscos, já insinuámos, também entre estas obras que de um modo ou de outro podemos garantir que foram lidas ou, pelo menos, conhecidas pelas religiosas são raras as referências aos textos ou aos autores que Fr. António das Chagas mais insistentemente recomendava... Anotemo-lo, uma vez mais, sem, contudo, tirar as conclusões mais fáceis.

VI. Apesar de poder parecer um *excursus* neste correr de leituras de gente franciscana, não será ilegítimo, até porque já vimos que, alguma vez, Fr. António das Chagas aconselhou algumas freiras não pertencentes à Ordem de S. Francisco ou de Santa Clara... De alguma dominicana já terão passado alguns dos livros que leu ou por que se interessou. A *Historia de S. Domingos Particular do Reino de Portugal* de Fr. Luis de Sousa (e do seu continuador Fr. Lucas de Santa Catarina) nada informa sobre as leituras de Soror Violante do Céu († 1693) nas escassas linhas que lhe dedica⁹⁴. Como dissemos, porém, parece ser legítimo aceitar que, pelo menos, terá lido as obras para as quais escreveu alguns poemas em seu louvor dos seus autores. Publicados originalmente entre os preliminares dessas obras, foram depois recolhidos nas suas *Rimas Varias* (Ruan, 1646) e também no *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos* (Lisboa, 1733). Deixemos, porque não são obras de literatura de espiritualidade, as *Flores de España, Excellencias de Portugal* (Lisboa, 1631) de António de Sousa de Macedo, os *Discursos Varios Politicos* (Lisboa, 1624) de Manuel Severim de Faria e o *Teatro da Mayor Façanha e Gloria portuguesa* (Lisboa, 1642) de Diogo Ferreira de Figueiroa⁹⁵, e apontemos o *Livro intitulado Cavallerias do Ceo* e os *Chorosos Cantos da Paixão de Christo Senhor Nosso*, ambos de autores desconhecidos⁹⁶, o *Livro das Excellencias de Nossa Senhora*, isto é, os *Virginidos, ou Vida da Virgem Nossa Senhora* (Lisboa, 1667), poema heróico do Dr. Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos⁹⁷ e o *Collegio*

⁹³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 199, 295.

⁹⁴ Fr. Lucas de SANTA CATARINA, *Historia de S. Domingos...*, ed. cit., IV, 2, 19, 448-450.

⁹⁵ Soror Violante do Céu, *Rimas Varias* (ed., introd. e notas de Margarida Vieira Mendes), Lisboa, 1993, 131.

⁹⁶ Soror Violante do CÉU, *Rimas Varias*, ed.cit., 64, 68. Tal como a nossa recordada Colega e Amiga, não fomos capazes de identificar estas obras, dado que, como suspeitamos, os títulos que lhes dá a poetisa não correponderão exactamente àqueles com que foram editados – prática corrente na época –, como pode deduzir-se do modo de citar obra, depois referida, do Dr. Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos.

⁹⁷ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, Lisboa, 1733, I, 63.

Espiritual da Theologia Mystica cujo autor, a quem elogia⁹⁸, foi, ao parecer, o «collector» do *Parnaso Lusitano*⁹⁹, quem, por sua vez, responde¹⁰⁰ elogiando as *Deprecações Devotas, para quando se ouvir Missa, quer dizer, as Meditações da Missa, e preparações affectuosas de huma alma devota...* (Lisboa, 1689) de Soror Violante. Acrescentemos ainda um Sermão de S. Francisco que fez Fr. Pedro de Santo Agostinho, bispo de Constância, «e que a Authora leo»¹⁰¹ – e não ouviu, como a tantos outros que elogia nas suas obras – e que se poderá identificar com o *Sermão da Tresladação da Imagem do Serafico Patriarcha da Igreja do Convento de S. Francisco da Ponte de Coimbra, para a nova Capella da Vener. Ordem Terceira* (Coimbra, 1743)¹⁰². São obras que seguramente leu. Não teria, no entanto, a dominicana lido nenhuma das obras espirituais de D. Leonardo de S. José¹⁰³ – o Cónego Regrante que se encarregou de preparar a edição das *Rimas Várias* e a quem celebra em uma Décima nessa obra?¹⁰⁴ Ela, que chora a morte de D. Bernarda Ferreira de Lacerda e a celebra, juntamente com uma filha¹⁰⁵, não teria lido qualquer das suas obras? Perguntas que, glosando, não levam a parte nenhuma...

VII. É agora possível analisar as informações sobre leituras realmente feitas, documentadas em biografias de religiosas veneráveis pelas suas virtudes e fama de santidade publicadas, como já aludimos, em crónicas das ordens ou mesmo autonomamente. Na sua exposição não seguiremos uma ordem cronológica que, se poderia permitir, aparentemente, captar um certo devir, na realidade obrigaria, muitas vezes, a aproximar leitoras separadas no espaço e no tempo. Preferimos expô-las por casas, ainda que, depois, as ordenemos cronologicamente... Talvez, deste modo, possa sugerir-se – nada mais que sugerir – uma certa educação..., preferências..., modas e colmatar alguns silêncios... Principiaremos por uma série de informações relativas a casas dispersas, para depois nos ocuparmos de leituras feitas no mosteiro da Esperança de Vila Viçosa e, finalmente, no da Madre de Deus de Xabregas

⁹⁸ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, ed. cit., II, 1113.

⁹⁹ Escrevemos assim, mas temos algumas dúvidas sobre a correcção do que afirmamos, pois «o Collector destas obras» pode muito bem referir-se, não ao *Parnaso Lusitano*, mas, sim, às *Deprecações Devotas para quando se ouvir missa...*

¹⁰⁰ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, ed. cit., II, 1114.

¹⁰¹ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, ed. cit., I, 319-

321.

¹⁰² D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1966), III,

583.

¹⁰³ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., III, 6-7.

¹⁰⁴ Soror Violante do CÉU, *Rimas Várias*, ed. cit., 146.

¹⁰⁵ Soror Violante do CÉU, *Rimas Várias*, ed. cit., 82; *Parnaso Lusitano*, ed. cit., I, 64-65.

donde, como facilmente se poderia supor, nos chegou o maior número de notícias. Apesar de tudo, são, proporcionalmente, poucas, já que – convirá recordá-lo – só nos chegaram informações referentes a um pequeno número de freiras que se destacaram pela sua virtude... As outras, que eram a maior parte, também, de um modo ou de outro, leriam..., mas dessas nada sabemos.

A primeira notícia de que dispomos diz respeito a Soror Isabel da Madre de Deus († 1590)¹⁰⁶, franciscana do convento do Espírito Santo de Torres Novas¹⁰⁷, que à hora da morte pede lhe leiam um pouco do *Monte Calvario* de Fr. António de Guevara... Nunca, porém, saberemos qual das duas partes dessa obra – a última que compôs o bispo de Mondoñedo – apreciava, no caso de ter lido a ambas, Soror Isabel. A primeira (Valladolid, 1545) começada a escrever antes do que terá pensado o seu autor ser a sua derradeira doença, ou a segunda (as *Siete Palabras*) que já não teve tempo de terminar (Valladolid, 1549)¹⁰⁸? De qualquer modo, esse pedido da freira de Torres Novas parece revelar, para além de apreço, familiaridade – uma certa familiaridade? – com essa obra, no seu todo ou com uma das suas partes, em momentos da sua vida.

Duas décadas depois, no mosteiro de Santa Clara de Évora, D. Leonor de Sousa († 13.7.1612), tão amante da Senhora Pobreza que, por sua morte, não acharão na sua cela mais que os *Trabalhos de Jesus* de Fr.

¹⁰⁶ Verdadeiramente, a primeira notícia de que dispomos sobre uma leitora de obras de literatura de espiritualidade, nestes dias, não diz respeito a Soror Isabel, mas, antes, a D. Isabel de Castro, da família dos Castros de Reriz e de Resende, que faleceu em 1567. Dela lembra Jorge CARDOSO: «E como no anno de 1566 saisse a luz a Chronica dos Menores que escreveo Fr. Marcos, empregava D. Isabel a maior parte do dia na lição da vida de S. Francisco, de quem era devotíssima». (*Agiologio Lusitano*, I, Lisboa, 1652, 266, 272 (27 de Janeiro). Só não a referimos em primeiro lugar, por não ter entrado em religião.

¹⁰⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, II, Lisboa, 1657, 63, 69 (6 de Março). O benemérito autor desse monumento de erudição – e de desvelo pelas glórias portuguesas – terá recebido tal notícia de Fr. Manuel da Esperança, pois declara que desta «sancta vida [de Soror Isabel da Madre de Deus] escreve diffusamente o P. M. F. Manuel da Speraça nas Chronicas da sua Provincia, a que dá obediencia o convento de Torres Novas...». Se mal não lemos, em nenhuma das partes da *História Seráfica* pudemos encontrar a referência a Soror Isabel. Este Segundo Tomo do *Agiológico*, publicado em 1657, traz, tal como a Primeira Parte da *História Seráfica* (1656), licenças de 1655. Por esta questão de datas, Jorge Cardoso, como, aliás, parece insinuar a redacção da notícia, terá colhido a informação não no texto impresso da obra do cronista franciscano e do seu continuador, Fr. Fernando da Soledade, mas, como, agradecido, aponta tantas vezes em informação particular que lhe forneceu Manuel da Esperança. Seria muito interessante, no âmbito da história da cultura portuguesa, tão arredada destas perspectivas, estudar, na sua complexidade dos apoios..., correspondentes..., mecenas..., o interesse pela erudição sacra e profana que uniu um Fr. Manuel da Esperança..., um M. Severim de Faria..., um Jorge Cardoso...

¹⁰⁸ Augustin REDONDO, *Antonio de Guevara (1480?-1545) et l'Espagne de son Temps*, Genève, 1976, 459, 762-763.

Tomé de Jesus¹⁰⁹... A descoberta, por si só, poderia não passar de um razoável índice de que Soror Leonor teria lido a obra, mas o cronista afiança que nela «tanto meditava» que «nella aprendeo a intelligencia do Officio Divino, como se fosse a mais perfeita na língua latina». Não cabe discutir, mas apenas admirar esta capacidade de leitura da clarissa eborense que bem poderia ter lido a obra completa (1ª parte, Lisboa, 1602; 2ª parte, Lisboa, 1609) do agostinho graciano.

Muitos anos passados, encontramos no Mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira, em Cernancelhe, Soror Maria do Desterro († 1683) que «douta nas Letras Sagradas e por especial devota de S. Paulo, tinha feyto tal estudo das suas *Epistolas*, que fielmente as repetia todas com grande promptidão de memória...»¹¹⁰. Esta, uma das raras referências à leitura do *Novo Testamento* que podemos registar, parece insinuar, para além de devoção a um autor, um modo de leitura tão bem apontado e meditado – tal como exigiam os conselhos tradicionais de leitura meditada que já recordámos – que facilitou a memorização – porque não dizer neste caso a «de-coração»? – dos textos paulinos.

Um pouco mais tarde, entre as clarissas da Conceição de Beja, uma casa onde Fr. António das Chagas nem sempre foi bem recebido, a Madre Inês dos Serafins († 20.7.1700), «exemplo de religiosas desenganadas», converteu-se, entendamos, neste caso, «reformou-se», quer dizer ainda, aceitou plenamente a reforma da casa – uma das causas das desavenças com o P. Chagas¹¹¹ –, lendo «as obras de Santa Theresa e [...] hum Tratado Espiritual de seu director S. Pedro de Alcantara»¹¹². Se desconhecemos qual das obras da Santa de Ávila leu Inês dos Serafins, do seu director quase podemos garantir ter sido o *Tratado de la Oración y Meditación...*, livro que encontraremos em outras ocasiões como leitura das clarissas.

A Madre Teresa da Anunciada († 16.5.1738), do Convento da Esperança de Ponta Delgada, casa que chegou a pertencer à Província franciscana dos Algarves, quando, em pequena, ainda não sabia juntar as letras, muito sofria por «não poder ao menos ler os livrinhos das Meditações de Santa Brígida, à que era muito affeiçãoada». Por intervenção divina, conseguiu-as «ler em breve tempo e as rezava todos os dias», emocionando-se profundamente «quando chegava àquellas palavras, nas quaes se exprime

¹⁰⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, IV, 18, 14, ed. cit., 58 de quem recebeu a notícia D. António Caetano de SOUSA, *Agiológio Lusitano*, IV, Lisboa, 1744, 139.

¹¹⁰ Fr. Fernando da SOLEDADE, *Historia Serafica*, III, 2, 27, ed. cit., 239.

¹¹¹ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes e Morte .. do Veneravel Padre Fr. António das Chagas*, ed. cit., 71; Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, II, 10, 10, ed. cit., 522-524.

¹¹² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, II, 10, 11, ed. cit., 533.

o quanto o Senhor padeceu por nosso amor...»¹¹³. Continuou Madre Teresa a ler essas *Meditações* de Santa Brígida, obra que conheceu três traduções (e duas edições) na segunda metade do século XVII?¹¹⁴ É possível, apesar de depois – segundo o seu biógrafo, o oratoriano José Clemente que se baseou em muitos escritos da própria Soror Teresa – ser igualmente «muy afeiçãoada à lição dos livros da veneravel Madre Maria de Jesus, religiosa da sempre esclarecida Ordem da Conceição...». O que entenderemos por esses «livros da veneravel Madre»¹¹⁵? A *Mística Ciudad de Dios*? Ou alguma das obras deles extractadas, como, por exemplo, os *Ejercicios Espirituales de retiro*? O mesmo biógrafo nos esclarece ao recordar que «quando Teresa lia nestes livros como a Virgem Santissima tomava a veneravel Maria de Jesus por filha e discipula, e lhe ensinara a amar a Deos; ao mesmo tempo que se accendia em huma santa enveja, se desconsolava grandemente por lhe parecer que não amava a Deos como esta sua serva»¹¹⁶, recordação que parece indicar a leitura da *Mística Ciudad de Dios*...

Pelos mesmos anos, encontramos, em Elvas, uma terceira franciscana, D. Leonor da Gama († em Janeiro de 1748) que, «todos os mezes, com algumas religiosas e pessoas de sua devoção» fazia «os exercicios do Santissimo Coração de Jesus, da Cruz e da Morte, e enquanto pode, o da Via Crucis, e os da veneravel Maria de Ágreda muitas vezes no anno»¹¹⁷. O cronista apenas aponta devoções – e deste ponto de vista será sempre um texto a reter, pelas datas, para a devoção ao Coração de Jesus e para os modos da sua difusão –, mas não indica precisamente leituras. No entanto, como já sabemos, os exercicios de Maria de Jesus Agreda – *Ejercicios Espirituales de retiro* – estão tirados da *Mística Ciudad de Dios*... Teria D. Leonor lido também esta obra? Não sabemos, mas somente que

113 José CLEMENTE, *Vida da Veneravel Madre Teresa da Anunciada*, Lisboa, 1763, 11.

114 *Meditações de Santa Brizida com hum Tratado para antes e depois da Comunhão, do Padre Francisco Bermudes de Castro*, Coimbra, Manuel Dias, 1664 (tradução de D. Leonardo de S. José); *Meditações de Santa Brígida*, Lisboa, João Galvão, 1678 (tradução de Afonso de Alcalá e Herrera); Domingos Garcia que D. Barbosa MACHADO (*Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, 711) só sabe ter sido um «varão pio, e devoto», traduziu, de acordo com o registo de João Franco Barreto na *Bibliotheca Portuguesa*, a mesma obra, tradução que, ao parecer, nunca se terá publicado. As «Revelações» da santa sueca foram traduzidas para português por Fr. Manuel dos Santos, O.F.M. (†1666), mas tudo indica que tal tradução permanece inédita, tal como a Vida de Santa Brígida de Suecia, viuva, *Revelações que teve de Deos; autoridade das suas Revelações que tiveram diante dos Papas, que as aprovarão*, que escreveu o arrábido Fr. Manuel das Chagas, e que Jerónimo de Melo Coutinho «mandou tresladar com todo o primor illuminado em muitas partes, e o ofereceu à Serenissima Rainha D. Luisa Francisca de Gusmão», segundo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*..., III, ed. cit, 219.

115 José CLEMENTE, *Vida a Veneravel Madre Teresa da Anunciada*, ed. cit., 364.

116 José CLEMENTE, *Vida da Veneravel Madre Teresa da Anunciada*, ed. cit., 364.

117 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 20, 48, ed. cit., 494.

praticou uns «exercícios» que, com alta probabilidade, poderemos identificar com os que acabámos de lembrar.

Recordemos agora umas magras indicações de leituras feitas nas duas casas de clarissas dessa terra cheia de mosteiros e conventos que foi Vila Viçosa¹¹⁸ – o mosteiro de Nossa Senhora da Esperança e o das Chagas.

As mais antigas dizem também respeito ao mais antigo dos mosteiros – o da Esperança. Ai, com vinte e quatro anos, morreu em 4.3.1621 Soror Catarina do Salvador que «dos treze aos quinze annos o tempo que lhe restava dos trabalhos de mãos, era seu descanso a lição de livros espirituais, e exercicio de santa oração...»¹¹⁹. Infelizmente, o cronista, nos cinco capítulos que dedica à sua biografia, não precisa melhor esses «livros espirituais», mas indica que, já noviça, «o tempo que lhe restava do serviço do seu noviciado, nelle lia em voz alta a Santa Regra, ou algum livro espiritual, como practiçaõ as mesmas noviças...»¹²⁰. A banalidade da informação é, porém, de certo modo, compensada pelo que diz do modo de ler a *Regra de Santa Clara* que praticava Soror Catarina... Lia-a «em voz alta». Um modo de ler seu ou um modo de ler usual das noviças? Com algum risco, preferimos sugerir que a redacção parece favorecer a interpretação de que se tratava de um costume imposto às noviças... Liam estas em voz alta a regra e os livros espirituais. Se assim era, compreende-se que esse modo de ler funcionasse como uma maneira de mais facilmente memorizar a *Regra* e, talvez, até também muito dos livros ... Se as nossas conclusões estiverem certas, poderemos pensar que as não noviças – as professoras – leriam silenciosamente? Como tivemos ocasião de assinalar, algumas alusões de Fr. António das Chagas permitem olhar nesta direcção para determinado tipo de obras. E as vidas de santos? Estas ouviam-se... No entanto, ainda que indirectamente, é possível sugerir mais alguma leitura de Catarina do Salvador. Com efeito, sabemos que, ella que «escreveo dous volumes de sua excellente letra, e por sua morte ficou o terceiro principiado, com varias devoções a muitos Santos, que ella fazia todos os dias»¹²¹ e

118 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 1, ed. cit., 126: «exorna-se mais a Villa com os Conventos, da Graça, onde jazem sepultados em nobres mausoléos os senhores Duques de Bragança; dos Eremitas de S. Paulo; de S. João Evangelista, Casa professa da Companhia, fundada pelo serenissimo Duque D. Theodosio II; e do de Santo Antonio, da Provincia da Piedade, que fôra dos muros, em huma Ermida da Piedade, fundou o Duque D. Jayme. Tem mais os Mosteiros, da Esperança, de que escrevemos, o das Chagas, pertencente a esta Provincia; e o de Santa Cruz, de Religiosas Agostinhas».

119 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 21, ed. cit., 202.

120 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 22, ed. cit., 206.

121 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 22, ed. cit., 205. Note-se que o mesmo cronista na vasta *Introdução* à sua obra (I, ed. cit., CCXXXVIII) apenas aponta, como obra de Soror Catarina, uma *Oração com que gratificava a Deos os beneficios, que de sua liberal mão*

«costumava [...] resistar o seu Breviario com palavras da Escritura, e algumas sentenças dos Santos Padres, escritas de sua propria e singular letra»¹²², seguia, no «seu modo de orar, meditando, a doutrina do P. Estêvão da Purificação, da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, e do Veneravel Fr. Luis de Granada, repartida pelos dias da semana»¹²³. Porque as cartas de Fr. Estêvão da Purificação († 17.11.1618) – ou extractos delas – apareceram na *Vida* que do carmelita escreveu Fr. Luis da Apresentação (ou de Mértola) publicada, em Lisboa, em 1621¹²⁴ – o ano da morte de Catarina do Salvador – teremos de supor, se não é dedução do cronista, que, directa ou indirectamente, conheceu as orientações espirituais de Fr. Estêvão da Purificação sobre a meditação na Paixão de Cristo ao longo da semana. Efectivamente, como se pode deduzir de uma carta que escreveu Fr. Estêvão a uma religiosa terceira carmelita acerca do «modo como avemos de celebrar a Paixão de Christo», Fr. Estêvão insistia, expondo-o de forma sumária, nesse método. Curiosamente, o que sobre tal escreve se diria quase um resumo das páginas que Fr. Luis de Granada dedica no *Libro de la Oración y Meditación* (a partir do capítulo XI) a ensinar a meditar na vida e paixão de Cristo, o que não nos deve estranhar quando sabemos que Fr. Luis era, com La Puente, Alfonso Rodríguez, T. Villa Castín, um dos autores preferidos de Fr. Estêvão¹²⁵ e uma das leituras que mais recomendava¹²⁶. Ora, uma das vezes em que expressamente o aconselha é precisamente nessa carta em que se diria resumir Fr. Luis de Granada... Apesar da sua oração

tinha recebido que, aliás, como indica Fr. Jerónimo, vem publicada no *Agiolégio Lusitano*, II, ed. cit., 47-48.

¹²² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 22, ed. cit., 205.

¹²³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 23, ed. cit., 209.

¹²⁴ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, O. C., *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, Religioso de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal*, ed. cit., 16, 36, 75, 94, 119, 148, 149, 150, 158, 159, 189, 203, 211, 244, 245, 252, 262, 269, 281, 283, 286, 298, 302, 312, 318, 319, 321.

¹²⁵ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação...*, ed. cit., 280: «Por isso regulava muito bem seu estudo, e escolhia os livros que primeiro lhe prêgassem a elle, do que lhe ensinassem a prêgar aos outros; como são so livros espirituais, e de Autores que sentião o que disserão. E não fallando já dos santos Padres, e Doutores da Igreja; as obras do veneravel Granada, as dos Padres Luys de la Puente, Alonso Rodrigues, e Villa Castín, todos tres da Companhia; o livro de S. Theresa, Contemptus mundi, e alguns livrinhos de N. P. fr. Geronymo Graciano, erão suas delicias...». Fr. José Pereira de SANTA ANA, *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nestes Reinos de Portugal*, II, Lisboa, 1751, 166, colheu essas noticias de Fr. Luis da Apresentação, que, por sua vez, sublinhou Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, 1988, 545-546.

¹²⁶ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte de Fr. Estêvão da Purificação...*, ed. cit., 126: «Lea fortemente pelo livro da Santa Madre Theresa de Jesus. Não deixe de ter as Meditações do Padre Granada, e lea cada dia alguma cousa dellas».

mental não ter seguido – ou nem sempre ter seguido? – uma orientação imaginativa, como propunha Fr. Fr. Estêvão¹²⁷, perante coincidências de doutrinas e de conselhos, não será ilegítimo confirmar Soror Catarina do Salvador como leitora do *Libro de la Oración y Consideración* de Fr. Luis de Granada, um autor que, estranhamente, ainda não encontráramos, até aqui, nem aconselhado nem lido...¹²⁸ É, contudo possível admitir que quem se oferecia para ler e lia as crônicas da Ordem – as *Chronicas da Ordem dos Frades Menores de Fr. Marcos de Lisboa* de que aparecera uma nova edição em 1615 (Lisboa) devida aos cuidados, nem sempre respeitadores do texto original, de Fr. Luis dos Anjos – a uma companheira gravemente doente e aproveitava a leitura para lhe ir lendo um «Aparelho de Bem Morrer»¹²⁹ – que não deverá ser o de Estêvão de Castro, S. J., pois este apareceu precisamente em 1621 (Lisboa), mas, antes, as *Horas da cruz de Cristo. Arte e aparelho santo para bem morrer* (Lisboa, 1613) de J. Carvalho do Canto – tinha alguma vez lido essas obras.

No mesmo convento viveu Soror Maria das Chagas, que faleceu, muito velha, em 11.5.1631, o que leva a vê-la como contemporânea de Soror Catarina do Salvador. E a aproximação não parecerá tão casual se, recordando que Soror Catarina costumava resistir o seu breviário com palavras da escritura, e sentenças dos Santos Padres», soubermos que Soror Maria das Chagas «a este fim [louvoures divinos] encaminhava as Escrituras, e sentenças dos Santos Padres, como se em huma e outra lição fosse versada; e em tão proprio sentido que bem mostrava ser do Ceo sua sciencia, pois nas práticas que tinha com as suas religiosas para qualquer conceito acudia logo, citando os Psalmos de David, os livros de Salomão, e Doutores da Igreja [...]; nesta forma, e com scientifica applicação acomodava qualquer texto, que conferido depois com homens doutos, dizião ser superior sua intelligencia»¹³⁰. Apesar de relativamente vagas, estas referências sugerem-nos, estamos em crer, mais do que uma leitora da Bíblia, uma leitora muito atenta do seu breviário... Uma leitura atenta e meditada, como convinha a alguém que também se correspondeu com Fr. Estêvão da Purificação, pedindo-lhe «lhe alcançasse de Deos esta virtude [a verdadeira humildade],

¹²⁷ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte do Padre Fr. Estevão da Purificação...*, ed. cit., 126: «Quando rezar, ou seja por livro, ou por contas, imagine que as regras, ou palavras são as feridas, ou açoutes de Christo; e que as letras estão escritas com seu sangue».

¹²⁸ Fr. Jerónimo de Belém que pouco diz acerca das extraordinaríssimas penitências de Soror Catarina – que conhecemos pelas páginas do *Agiolégio Lusitano* (II, 38-40), nada sugere também sobre o sem número de orações que diariamente recitava, por devoção, prática em que poderíamos dizê-la uma discípula de Fr. Estêvão, se nos lembrarmos da larga relação – a que já fizemos referência – de orações e devoções que cumpria ao longo do dia.

¹²⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 23, ed. cit., 209.

¹³⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 43, ed. cit., 288.

pois em quarenta annos de requerimentos, ainda não pudera negociar o seu despacho». Embora possamos suspeitar, em virtude de tantas outras que vêm na sua *Vida...*, que a houve, não conhecemos a resposta, pois nem Luis da Apresentação nem Jerónimo de Belém a insinuam sequer... Terá sido por conselho do célebre carmelita português que leu a «Vida do Veneravel Francisco de Yepes», isto é, *Vida y Virtudes del Venerable Varón Fray Francisco de Yepes, que murió en Medina del Campo, Valladolid, 1616*, de Fr. José de Velasco?¹³¹ Ignoramo-lo, mas o cronista garante-nos que Soror Maria das Chagas leu essa biografia que, como declara a continuação do seu título, *Contiene muchas cosas notables de la vida de su santo hermano, el Padre Fr. Juan de la Cruz*, pois, por lá ter visto «que o demonio tinha grande pena de trazerem os filhos, e devotos de Nossa Senhora do Carmo o seu Bentinho, pela guerra que com este lhe fazião, os procurou com a mayor ancia...», passando depois até a distribuí-los¹³².

No mosteiro das Chagas de Vila Viçosa, de clarissas urbanas, viveu a Madre Isabel de S. Bernardo († 11.1.1734) que, conta Fr. Jerónimo de Belém, «sendo ainda secular, depois que leo os livros da Doutora Mystica Santa Teresa, lhe ficou tão affeioada, por devota, que mandando fazer hum retrato seu, o trouxe sempre ao peito, por todo o tempo de sua vida...»¹³³. A notícia não informa se a devoção à santa incrementou a leitura das suas obras, nem, muito menos, que obras terá lido D. Isabel (Coutinho?) lá por meados do século XVII – terá nascido à volta de 1640, pois morreu com «noventa e tantos annos» –, mas, como faz o cronista, sempre poderemos, piedosamente, «inferir, que muito se aproveitou do que nas suas obras aprendeo...» e que «também aprenderia as maximas de governar, segundo o que nos refere a tradição das religiosas, e a publicação seus escritos». Estes seriam, pelo menos, «alguns livros, assim da sua [mosteiro das Chagas] fundação, como dos títulos das fazendas da Casa, repartição do sustento, e propinas de costume, Alvarás, e Breves Pontifícios, e tudo com tão boa, e excellente economia, que bem pudera servir de modelo para o bom governo das Famílias Religiosas»¹³⁴. Ela, que foi a escrivã da casa durante nove annos, uma leitora atenta do *Libro de las Fundaciones* teresianas? das *Constituciones*? ou simplesmente do *Libro de la Vida*? Como não temos possibilidade de o saber – teremos algum dia? – registemo-lo, e, sobretudo, apontemos a veneração e a leitura dos livros de Teresa de Jesus em Vila Viçosa, à sombra, no sentido literal do termo, da família a que pertenceu

¹³¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 43, ed. cit., 288.

¹³² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 43, ed. cit., 287-288.

¹³³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 21, 24, ed. cit., 606.

¹³⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 21, 24, ed. cit., 605

D. Teotónio de Bragança, o arcebispo de Évora que, grande amigo da reformadora carmelita, custeou a primeira edição das suas obras – *Avisos Espirituales y Camino de Perfección* (Évora, 1583).

Podemos agora avançar para algumas das leituras de algumas clarissas da Madre de Deus, que, apesar de tudo, são, como facilmente se pode supor, aquelas de que possuímos uma maior informação. Era não só o mosteiro feminino mais importante da Província franciscana dos Algarves, se não talvez mesmo o mais importante de Portugal, tanto pelas suas origens como pela sua situação junto da corte. Um e outras, se fizeram dele uma casa sempre marcada pelas predilecções da aristocracia de corte como destino das suas filhas – o que pode já conlevar um nível cultural de maiores exigências e uma conseqüente maior preparação –, também contribuiriam, seguramente, para a dotar de livros. Por outro lado, nem valeria a pena lembrar que um Fr. António das Chagas, sempre disposto a recomendar a leitura e apontar livros a ler, desempenhou na direcção espiritual dessa casa um papel de relevo. E precisamente, por isso, dividiremos a nossa análise em dois momentos. Um primeiro que vai até cerca de 1676 e outro que vai desde essa data até cerca de 1743, balizas escolhidas em função da chegada de Fr. António das Chagas como «aliviador» das freiras da Madre de Deus¹³⁵, sem que, evidentemente, isto signifique que antes de 1676 – mas nunca antes de 1672¹³⁶ – não tenha já podido o varatojano dirigir, especialmente por carta, alguma das freiras dessa casa – direcção que Fr. António, ele que veio a ser nomeado «mestre de espirito» desse mosteiro¹³⁷, compartiu essa direcção com Fr. Diogo de Santo Agostinho..., com Fr. João de Santo Estêvão († 1703¹³⁸) – e que depois do seu afastamento em missões pelo País e mesmo depois da sua morte (20.10.1682) não tenha continuado por carta ou por fama essa direcção.

Conhecemos os nomes de algumas das religiosas que foram suas filhas espirituais – Soror Sebastiana de Jesus Maria († 2.7.1677), Soror Teresa da Madre de Deus († 4.6.1677), Soror Catarina das

¹³⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituales*, II, 22, 76.

¹³⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 16, ed. cit., 352 afirma, aludindo à inspiração divina que levou Fr. António a escrever, prevenindo-a de que logo que pudesse a iria ajudar a sossegar o seu espírito, a Soror Helena da Cruz que recebeu o hábito na Madre de Deus em 1672, que «ainda neste tempo se não communicava o Veneravel Padre com a familiaridade, com que depois tratou algumas Religiosas».

¹³⁷ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte com opinião de Santidade do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*, ed. cit., 396-398 publica a Patente que, em Maio de 1682, nomeou o Padre Chagas «Mestre de espirito das muito espirituais religiosas da Madre de Deus».

¹³⁸ Antónia Margarida de CASTELO BRANCO (depois Soror Clara do Santíssimo Sacramento), *Autobiografia* (Prefácio e transcrição de João Palma-Ferreira), Lisboa, 1983, 514 tece o elogio deste confessor da Madre de Deus, assinalando 1703 como o ano de sua morte.

Chagas († 13.6.1685), Soror Luisa Maria de Jesus († 9.10.1691)¹³⁹, Soror Joana da Trindade († 8.10.1694), Soror Francisca do Lado († 2.12.1696), Soror Helena da Cruz († 28.8.1698) e Soror Maria Madalena de Jesus († 19.7.1701). Pontualmente, também ajudou Soror Clara do Santíssimo Sacramento (15.1.1717) como ela conta na *Relacção (fiel e verdadeira) da sua vida*. Apenas estas? Estas foram as que deixaram fama de virtudes e santidade em grau que as tornou dignas de verem as suas biografias mais ou menos resumidamente escritas nas páginas da *Chronica Serafica...* Curiosa, mas infelizmente, como já aludimos, nem de todas temos informações sobre as suas leituras... Às vezes, apesar da direcção de Fr. António, até parece que nada leram, mas não devemos esquecer que não possuímos todas as cartas de Fr. António – muitas delas, como ele se queixa, algumas vezes, nem sequer eram recebidas pelos seus destinatários¹⁴⁰... – nem o cronista foi sempre preciso – por omissão ou por generalizações do tipo «applicou-se à lição das vidas dos santos...», «nas obras da Doutora Mystica Santa Theresa encontrou materia, e luz para o acerto...», etc. que, apesar de benvidas, são, para nós, como já tivemos ocasião de lembrar, de escassa utilidade. Tendo, porém, em atenção as últimas datas acima referidas, podemos, de acordo com o que já sugerimos, facilmente aceitar que, por exemplo, uma Soror Teresa Maria de S. José († 8.5.1743) ainda terá conhecido a fama da direcção de António das Chagas e, através das suas dirigidas que ainda viviam, os ecos das suas orientações, pois entrou na Madre de Deus em 1684.

Assim, sabemos que na Madre de Deus, já antes de 1644, ano da morte de Soror Maria da Conceição (9.6.1644), a religiosa que dá azo à informação, lia-se um livro em que se falava do Purgatório de S. Patricio e lia-se em voz alta e em grupo. Com efeito, Soror Maria, que «de tudo e de todos julgava bem», em uma «ocasião em que se achavão algumas religiosas lendo o que se escreve do Purgatorio de S. Patricio, disse huma dellas na presença da serva de Deos: *Quem me dera lá ir, para que em*

¹³⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 6, ed. cit., 314 diz que «ao cuidado, e diligencia desta veneravel Religiosa se deve a impressão das obras do Padre Chagas; ella pôs os títulos às Cartas do seu segundo Tomo dellas; deu, e procurou muitas noticias da sua vida que escreveu o Padre Manuel Godinho...».

¹⁴⁰ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 37, 65: «Não posso acabar de entender, que sumidouro ha para as minhas cartas, não tendo ellas cousas, de que se possa fazer reliquias, nem mysterios, nem reparos, e pelo que colho das que recebi de V.M. conheço que lhe são dadas poucas, ou nenhuma cartas minhas, e o mesmo tenho entendido havendo escrito outras a varias pessoas dessa Corte...»; I, 79, 127: «Algum pezar tive de que neste ultimo, que recebo, escrito em vinte de Janeiro, me mostre V. M. claramente que não tem recebido nenhuma carta minha, sendo que ha menos de um mez que lhe escrevi largamente, e de modo, que podéra V. M. ter menos susto com estas cousas, que lhe derão sobressalto».

morrendo, fosse logo a gozar da Bemaventurança, sem passar por outras penas; e o mesmo repetirão as mais. Entendeo a Madre Soror Maria que ja as freiras se embarcavam para a Ibernia, e neste sentido, com a graça natural de que Deos a dotou, lhes dizia: *Se tal petição chegar a Roma, que risadas não darão os Cardeaes, e o nosso Protector: pois desenganai-vos, que aindaque esse Purgatorio estivera no valle de Xabregas, não haviéis de conseguir a licença*»¹⁴¹. Que obra estariam as freiras a ler? Uma cópia manuscrita em português ou em castelhano dessa obra medieval não parece crível, pois, tanto quanto sabemos, a tradição manuscrita medieval peninsular aponta apenas para o domínio catalão e aragonês¹⁴². A divulgada novela devota de Juan Pérez de Montalbán, *Vida y Purgatorio de San Patricio* (Barcelona, 1628)? Ou um *Flos Sanctorum* – o de P. Ribadeneira, S. J. que traz a *Vida de S. Patricio, Primado de Irlanda*¹⁴³ – ou o de qualquer outro livro hagiográfico, como, por exemplo, a *Legenda Aurea* de J. de Voragine¹⁴⁴? Talvez nunca logremos sabê-lo, mas qualquer destas obras podia, como insinua uma recomendação, já citada, de Fr. António das Chagas – «e que ouvindo as virtudes, e vidas dos Santos as imite quanto puder...» – ser lida em voz alta e em grupo. Por outro lado, a notícia tem ainda o interesse, para além do mais, de testemunhar a difusão desse tema entre nós, depois de Lope e Calderón terem ajudado a redescobri-lo.

Com D. Violante Henriques, ou seja Soror Violante de Jesus Maria, falecida aos 23 anos em 6.7.1659, encontrámo-nos com uma «grande leitora». Assim terá sido classificada a filha do Senhor de Ferreiros e de Tendais nada menos que pela infanta D. Catarina, a futura rainha de Inglaterra, quando Violante Henriques entrou na Madre de Deus. Ela que tinha «particular graça, e expedição em ler livros, assim Portuguezes como Castelhanos»¹⁴⁵, começou por se dedicar a «alguns de comedias, e profanos», chegando a representar «muito ao vivo o que havia aprendido de memoria, com tanta viveza, e galantaria, como se tivesse por officio o emprego de representante»¹⁴⁶. Não nos interesse demasiado esta perspectiva de corte tipicamente hagiográfico, mas lembremos que «deixada em fim a lição profana, se applicou ainda mais à Divina, procurando livros

¹⁴¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 11, ed. cit., 176-177.

¹⁴² Charles B. FAULHABER, *Libros y Bibliotecas en la España Medieval*, Londres, 1987, 311, 59, 91, 126-127, 208, 256, 411; Maria Rosa Lida de MALKIEL, *La Visión del Trasmundo en las Literaturas Hispánicas*, in (como Apêndice) Haward R. PATCH, *El Otro Mundo en la Literatura Medieval*, Mexico-Buenos Aires, 1956, 369-449.

¹⁴³ Pedro de RIBADENEYRA, *Flos Sanctorum, o Libro de las Vidas de los Santos*, Tercera Parte, Madrid, 1675, 468-472.

¹⁴⁴ J. de VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, Madrid, 1982, 208-211.

¹⁴⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 15, ed. cit., 197.

¹⁴⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 15, ed. cit., 198.

espirituales, que lhe ministrassem materia para prosseguir com proveito o que principiára devota». Era seu director espiritual o arrábido Fr. Arcanjo da Assunção. E a primeira indicação que temos deste novo tipo de leituras levamos a Salvaterra de Magos, para onde, nos começos de 1656, se retirou D. Violante com sua mãe. Aí, «achava-se necessitada de livros, com que se divertisse a si, à familia de casa, e àquella gente menos culta, por falta de comunicação; e para passarem as noites de inverno mais gostosas, e com algum proveito, mandou D. Violante pedir a seu tio, e padrinho Francisco de Miranda Henriques, algum livro espiritual, que para todos servisse, e que estimaria lhe mandasse o *Flos-Sanctorum* do Padre Ribadeneira»¹⁴⁷. Ao parecer, esse seu tio e autor da sua biografia – escrita em 1658 –, não tendo conseguido encontrar essa obra do jesuita, remeteu-lhe «hum pequeno tratado do Padre João de Niemberg sobre a afeição, e amor que devemos ter à Virgem Maria Nossa Senhora, e o como ella nos ama...». Se não podemos imaginar Violante Henriques a ler – em espanhol¹⁴⁸? – à sua família o *Flos Sanctorum*, como Afonso Fernandes Barbuz, ferreiro de Penafiel, o lia, «em voz alta e intelligivel», «aos Domingos e Sanctos, passada a cesta» aos «amigos, e vizinhos, [em] hum terreiro»¹⁴⁹, podemos imaginá-la a ler – e a traduzir? – *De la Afición y Amor de Maria Virgen sacratissima Madre de Jesus Dios y Hombre que la deven tener todos los redimidos de su Hijo* (Madrid, 1630; Lisboa, 1648). Pouco depois, «deparou-lhe Deos outro livro do mesmo Veneravel Niemberg, da Afeição e Amor de Jesus, e a sua leitura lhe pentrou por tal modo o coração, que como se fosse huma aguda setta, que lho traspassasse, assentou logo consigo de deixar totalmente o mundo, para se desposar com Christo». Registrando essa imagem de sabor teresiano que, apesar de tudo, poderá não ser unicamente da responsabilidade do cronista, não sigamos, contudo, as peripécias que rodearam a concretização dessa decisão que a leva à Madre de Deus, mas apontemos que a única coisa que quis levar de sua casa foi esse exemplar *De la Afición y amor de Jesus que deben tener todos los redimidos, com alimento de amor divino, codocia santa de Gracia y devoción a las ánimas del Purgatorio* (Madrid, 1630). Por obediência, terá que abandonar essa leitura¹⁵⁰... Terá lido agora a *Diferencia entre lo temporal y lo eterno* (Madrid, 1640), já que tempos antes o «arrojara de si, dizendo, que não queria beatices, senão cousas de divertimento»? É provável, mas de certo apenas sabemos que «deparando-lhe as obras da Mystica Doutora santa Thereza, nellas encontrou os erros,

¹⁴⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 16, ed. cit., 201.

¹⁴⁸ A tradução da *Primeira parte* deste *Flos Sanctorum* deve-se a João Franco Barreto, impressa em Lisboa, 1674, isto é, c. de 20 depois da pretensão da futura clarissa.

¹⁴⁹ Jorge CARDOSO, *Agilológico Lusitano*, ed. cit., III, 483.

¹⁵⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 22, ed. cit., 220.

que de si confessava a Santa, lendo na sua mocidade livros porfanos»¹⁵¹. Esta última indicação permite vê-la a ler o *Libro de la Vida* de Teresa de Jesus, pois, precisamente, no começo do livro (II, 1) Santa Teresa conta o seu gosto pelas novelas de cavalarias. E a confirmá-lo está que, prosseguindo na leitura dessa obra, decidiu imitar o que a futura reformadora do Carmelo conta da sua decisão «de deyxar pais e irmãos, e recolher-se em hum Mosteiro» (III, 7, IV, 1)¹⁵². No entanto, enquanto não entrava em religião, pôde ainda ler os «Nescios desejos da vida, Vãos temores da morte», obra que deveremos poder identificar com o *Discurso do vão Temor da Morte e desejo da Vida e representação da Glória do Céu* (Lisboa, 1649) de Pedro de Valles, traduzida por D. Basílio de Faria... Depois, já noviça, «divertia-se a ouvir livros devotos»¹⁵³, o que confirma a sugestão que, por mais do que uma vez, já fizemos de que as noviças ouviam ler... Apenas ouviam ler? Talvez não, pois também é certo que na Quaresma de 1657, «vendo sua Mestra que Soror Violante cuidava mais na saude da alma que na do corpo, para consolação sua, lhe deu o livro dos Trabalhos de Jesus, para que da sua lição tirasse conformidade, e merecimento»¹⁵⁴. Tudo parece indicar que a obra de Fr. Tomé de Jesus lhe foi dada para que a lesse pessoal e directamente. De todos os modos, dessa leitura resultou uma oitava em que, de acordo com a orientação de leitura que recebera de sua mestra, pedia a Cristo que lhe concedesse a sua cruz¹⁵⁵.

Tudo quanto essa «grande leitora» leu? Talvez não. Tentemos adentrar-nos um pouco mais nas suas leituras. Terá ela ou as fontes do cronista silenciado alguma? Recordemos que Fr. Jerónimo de Belém declara ainda que «na refeição do Refeitório não perdia ponto para meditar, porque de tudo tirava materia para a contemplação; e da mesma lição da menza dava depois tão fiel relação, como se de proposito a houvera estudado. No partir de huma maçã descobria a lembrança do Mysterio da Santissima Trindade: porque descascando os primeiros tres quartos, contemplava as tres divinas pessoas, e no ultimo, por aparar, considerava o Verbo Divino vestido no hábito da nossa humanidade; e nesta fôrma ainda alimentando o corpo, refazia juntamente o espirito»¹⁵⁶. Ao lermos esta passagem, perguntamo-nos imediatamente se Soror Violante não teria lido o *Horlogium Aeternae Sapientiae* de H. Suso. Esta obra propriamente não deverá ter lido, mas leu,

151 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 16, ed. cit., 202.

152 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 16, ed. cit., 203.

153 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 232.

154 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 233.

155 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 233 publica essa Oitava, bem como outras poesias de Violante Henriques.

156 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 25, ed. cit., 227.

seguramente – ou, recordemos que se trata da biografia de um santo, ouviu ler? – a *Vida do Beato Henrique Suso*, escrita por L. Surio e traduzida por Fr. Luis de Sousa (Lisboa, 1642). Ora, esta biografia é, como se sabe, inteiramente construída sobre aquela obra do dominicano. Com efeito, no capítulo IX da *Vida*¹⁵⁷ vem, precisamente, no seu alto simbolismo – olvidemos, na sua inoperância o «ridículo» a que aponta J. Huizinga e os «amaneramientos extremos» que fixa Ortega y Gasset a propósito desta passagem¹⁵⁸ –, o exercício que imitava Soror Violante. E, como teremos ocasião de ver, não será ela a única leitora da *Vida do Beato Henrique Suso* entre as clarissas da Madre de Deus.

Em Soror Fabiana do Horto († 4.12.1676), mas clarissa no mosteiro de Xabregas desde 1625, encontramos a primeira leitora declarada das *Moradas* de Santa Teresa. Com efeito, «não obstante o seu grande recato (costume praticado neste Mosteiro, por cuja causa o menos he o mais que se sabe das suas virtudes) praticando-se hum dia sobre as moradas da Doutora Mystica Santa Theresa, disse Soror Fabiana: *Que Deos lhe fizera a mercê de lhe querer entender a fabrica daquelle casto interior*¹⁵⁹; mas se chegou a todas, ou não, ninguem o pode alcançar»¹⁶⁰. Infelizmente, nada mais podemos dizer. No entanto, é possível sugerir que o que conta Fr. Jerónimo de Belém sobre «os favores que [Soror Fabiana] experimentou de seu amante, e Divino Esposo» foi, quando meditava sobre o Passo da Columna [...] representou-se-lhe aquella sacrossanta Humanidade tão ferida, y lastimada que mal o podia explicar; e como chegando-se-lhe para ella lhe dizia, que a buscava, para que lhe acudisse...»¹⁶¹. Não sabemos o que o texto poderá dever à sabedoria do cronista, mas não seria difícil defender que, independentemente da verdade essencial da sua visão – que desprezou, com farto sentimento depois, por temer que fosse ilusão diabólica –, Soror Fabiana era igualmente leitora de outras obras da Madre Teresa de Jesus, nomeadamente do *Libro de la Vida* e do *Camino de Perfección*¹⁶². Tê-las-á lido? O que sabemos é que são obras que não vêm referidas na sua biografia.

157 L. SURIUS, *Vida do Beato Henrique Suso, da Ordem dos Pregadores, Traduzida do Latim em Português* por Fr. Luis de Sousa, Lisboa, 1764, 37.

158 J. HUIZINGA, *El Otoño de la Edad Media*, Madrid, 1961, 208; J. ORTEGA Y GASSET, *El Hombre del Siglo XV* in *En torno a Galileo*, Madrid, 1965, 216.

159 Como vemos, o original traz *casto interior*, expressão que não emendamos como seria tentador proceder, em virtude de Soror Babiana poder querer dizer isso mesmo, numa espécie de «linguagem derivada». Naturalmente, «castelo interior» seria o que esperaríamos, mas *casto interior*, no preciso contexto da resposta de Soror Fabiana, não é um completo absurdo.

160 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 32, ed. cit., 267.

161 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 32, ed. cit., 267.

162 Teresa de JESUS, *Libro de la Vida*, IX, 1, XIV, 22; *Camino de Perfección*, XLII, 5.

Em relação com a direcção espiritual do Padre Chagas, podemos assinalar Soror Teresa da Madre de Deus († 4.6.1677), dirigida do Varatojano. Contudo, ignoramos se continuou, durante os doze anos que viveu no mosteiro, a aplicar-se à lição dos livros de Santa Teresa – Fr. António nunca, que saibamos, os recomenda, apesar de ser seu devoto admirador – com a atenção com que o fizera em casa de sua avó, D. Leonor de Sousa, junto de quem sempre viveu desde que faltaram os pais, a ponto de ter pensado ser carmelita¹⁶³.

Também de outra dirigida de Fr. António das Chagas, Soror Sebastina de Jesus Maria († 2.7.1677) apenas conhecemos que aos «seis annos de sua tenra idade lhe faltou sua mãe e D. Sebastiana, como fiel imitadora de Santa Theresa, se entregou por filha à Virgem Maria; e esta espiritual filiação conservou por todo o tempo de sua vida...»¹⁶⁴. Não nos atrevemos a decidir se esta notícia é uma explicação do cronista para essa «espiritual filiação», ou se, efectivamente, pelo modo que fosse, desde os seis anos saberia Sebastiana que a Santa de Ávila, como recorda no *Libro de la Vida* (I,7), se tinha também entregado como filha da Virgem Maria. A ser assim, não seria de estranhar que também tivesse chegado a ler, pelo menos, a autobiografia da Santa a quem imitava... Mas foi assim?

Já recordámos que Fr. António das Chagas não parece ter revelado grande entusiasmo pela leitura das obras da Madre Ágreda... Seria a Soror Joana da Trindade († 8.10.1684) a quem escrevia: «se lhe parecem bem os seus livros, siga com o exercicio, o exemplo»? É uma pura hipótese, mas o certo é que Soror Joana da Trindade ouvia ler – e comentava – o que outra religiosa da casa ia copiando: «as doutrinas de Nossa Senhora reveladas a sua serva a Veneravel Soror Maria de Jesus, Abadessa do Mosteiro de Agreda». Dessa leitura e comentários «sobre os mysterios escritos, de tal sorte se retirava inflammada para a sua Oração, que sem saber por onde hia, erão tantas as adorações profundas, que de caminho fazia, que nunca outra Religiosa as pode contar»¹⁶⁵. A notícia é muito interessante, pois nos revela não só duas leitoras da *Mística Ciudad de Dios* e a cópia que na Madre de Deus se fazia dessa obra – o que parece sugerir um ambiente altamente receptivo a esse polémico livro... E, como veremos, não ficará por aqui esse acolhimento. E se soubermos que Soror Joana foi quem «por intercessão de Nossa Senhora alcançara de Deos a graça das Comunhões quotidianas» na

¹⁶³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 1, ed. cit., 284.

¹⁶⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 33, ed. cit., 269.

¹⁶⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 7, ed. cit., 316.

Madre de Deus¹⁶⁶, talvez aceitemos ver nessa casa um centro de leitoras agredistas..

Confirmemos ainda a sugestão que acabámos de fazer com as leituras da inglesa Soror Helena da Cruz († 2.8.1698) a quem Fr. António das Chagas escreveu, «inspirado por Deos, sem preceder diligencia alguma», em tempos em que ainda «se não communicava com a familiaridade, com que tratou depois algumas religiosas»¹⁶⁷, isto é, em data à volta de 1676, pois Soror Helena, filha de cristãos reformados (luteranos?) vivendo neste País, entrou no mosteiro em 1672¹⁶⁸. Teve Helena da Cruz «particular devoção com a Veneravel Soror Maria de Jesus, singular escritora da Vida de Nossa Senhora, de quem participou a doutrina do que escreveu nos seus livros intitulados *Mystica Ciudad de Dios*; e applicando-se muito à sua lição, com espirital aproveitamento de sua alma. Gastava horas em fallar na Veneravel Madre...»¹⁶⁹. Compreende-se, deste modo, melhor, a sua «particular devoção à Virgem Maria, contemplando muito de espaço em suas virtudes, e perfeições...»¹⁷⁰.

Soror Maria de S. Francisco († 28.10.1699) «se applicava à lição das *Chronicas da Ordem*, contemplando nas vidas dos santos as suas mayores acções; e elegendo por seu Mestre o Serafico Doutor S. Boaventura, fazia muito por seguir sua doutrina no serviço do coro, refeitório e em todas as cerimoniaes religiosas (que sobre tudo escreveu com sciencia mais que humana); e nesta forma andava sempre advertindo às religiosas o que o santo dizia...». Passemos os comentários do cronista, mas fixemo-nos que Maria de S. Francisco – talvez do nome derivasse esse seu interesse pela história franciscana – era uma leitora das crónicas da sua Ordem. Das *Crónicas da Ordem dos Frades Menores* (Lisboa, 1557 - 1ª P.; 1562 - 2ª P.; Salamanca, 1570 - 3ª P.; Lisboa, 1615, as três *Partes*) de Fr. Marcos de Lisboa? Muito provavelmente, apesar de pelos seus dias já poder contar com os trabalhos de Francisco Gonzaga (*De Origine Seraphicae Religionis...*, Roma, 1587), de Lucas Wadding (*Annales Minorum*, Lyon, 1625). E a confirmar esta nossa convicção está no facto de na *Segunda Parte* dessas *Crónicas* de Fr. Marcos poder, precisamente, ler uma série de obras de S. Boaventura ou a ele atribuídas, inclusivamente o sempre apreciado *Espelho de Disciplina para a criação de Noviços* que nelas ocupa todo o livro

166 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 7, ed. cit., 316.

167 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 17, ed. cit., 352.

168 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 16, ed. cit., 350.

169 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 17, ed. cit., 354.

170 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 17, ed. cit., 355.

terceiro da *Segunda Parte*¹⁷¹. Terá sido a esta Maria de S. Francisco que lembrava Fr. António das Chagas a facilidade com que encontraria «as nossas Chronicas, que são notaveis»^{172?} Infelizmente a carta não tem data nem qualquer outro elemento que permita aproximar-nos, sequer, da simples sugestão.

Soror Maria Madalena de Jesus († 19.3.1701), da Casa dos Condes da Ericeira, além de uma das mais célebres das dirigidas pelo P. António das Chagas, foi uma das mais insignes e fervorosas apoiantes das missões desse seu director. A ela se deve, por exemplo, a eleição do Arcanjo S. Miguel para patrono das missões apostólicas dos varatojanos¹⁷³. Curiosamente, dir-se-ia que nada lia, pois nem a sua larga biografia traçada por Jerónimo de Belém nem as cartas que, publicadas na *Chronica Serafica*, Fr. António das Chagas lhe escreveu¹⁷⁴, não se fazem referências a leituras suas. Com uma única excepção: as *Sagradas Escrituras* e, destas, particularmente o *Saltério*. Por isso, nada admira que, independentemente de poder ser um tópico hagiográfico, o cronista possa dizer que «teve sciencia sem estudo, porque na eschola da Oração aprendeo para saber e ensinar...». Dessa sua meditação no texto sacro derivou a sua «especial intelligencia das Escrituras» que se revelou na concordância dos seus textos, como se prova, diz ainda Jerónimo de Belém, pelas suas obras¹⁷⁵... E estas, de que o cronista dá os títulos, se, além das poesias e das vidas das *Veneraveis Religiosas* [da Madre de Deus] *de mais conhecida virtude*, versaram sobre questões de oração e meditação, também versaram, muito especialmente, sobre o texto dos Salmos, como se podia ver na exposição *Paraphrastica de alguns Psalmos de David em sentido mystico, divididas em duas partes*, livro de que Jerónimo de Belém

¹⁷¹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Das Edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma Influência na História da Espiritualidade Portuguesa* in *A. I. A.*, XLVII (1987), 131-159.

¹⁷² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 193, 288.

¹⁷³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 23, ed. cit., 381 e o P. Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte ... do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*, ed. cit. 149, contam, com mais ou menos pormenores, como foi decidido tomar S. Miguel por protector das missões franciscanas; Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 28, 44 e I, 32, 51 refere-se a essa devoção e protecção. Em contexto franciscano poderá sempre perguntar-se se esta escolha não será uma marca do profundo franciscanismo que envolve a vida de Fr. António e em que ele procura envolver os seus correspondentes, principalmente religiosas clarissas. Com efeito, como se sabe, Tomás de Celano (2 Cel. 197) pondera «de devotione eius ad angelos, et quid amore sancti Michaelis faciebat, justificando Francisco esta sua devoção ao Arcanjo, porque eo quod animarum repraesentandarum haberet officium», o que se applicava, naturalmente, à acção dos missionários. *Conf. Fonti Francescani* (a cura di E. Menestò e S. Brufani), Assisi, 1995, 615-616.

¹⁷⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 28, ed. cit., 396-398.

¹⁷⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 27, ed. cit., 395.

dá breve resumo descritivo e uma orientação sobre o sentido da paráfrase de cada salmo¹⁷⁶. Tudo em demonstração das suas leituras.

Uma das mais dramáticas biografias que traça Fr. Jerónimo de Belém na *Chronica Serafica* é, sem qualquer dúvida, a de Soror Clara do Santíssimo Sacramento († 15.1.1717). A sua fonte é a própria extensa autobiografia – até 1703 – dessa clarissa que no século foi D. Antónia Margarida de Albuquerque ou de Castelo Branco. Não nos interessam aqui todo os seus sofrimentos no mundo e as tribulações e, como diz na sua *Relação (fiel e verdadeira) que dá da sua vida*¹⁷⁷, as «ruínas espirituais» por que passou no claustro – em algum momento consultou Fr. António das Chagas¹⁷⁸ e o P. Bartolomeu do Quental foi-lhe, igualmente, de grande socorro¹⁷⁹ –, mas apenas as suas leituras. Parecem ter sido bem escassos os livros de que temos a certeza que leu. Se, no mundo, leu, como muitas outras, novelas e comédias – uma realidade passada, muito provavelmente, a tópicos de um itinerário de conversão próprio do cânone hagiográfico –, também leu, mandado comprar a uma feira, em 1665, um *Flos Sanctorum* – possivelmente uma das edições do de Pedro de Ribadeneira (Madrid, 1599-1ª P.; Madrid, 1601 - 2ª P.; Barcelona, 1623 - 1ª, 2ª, 3ª P.) em que, imediatamente, encontrou as vidas de Santa Clara e de Santa Teresa¹⁸⁰. Também sabemos que foi nas obras da Santa de Ávila que, anos mais tarde, já recolhida, como hóspede, no Mosteiro das Comendadeiras de Santos, encontrou «matéria, e luz para o acerto» de «buscar Deus em si mesma»¹⁸¹. Fr. Jerónimo de Belém descuidou de apontar que foi o *Libro de la Vida* que D. Antónia Margarida consultou nessa altura (1676), sem, contudo, como

¹⁷⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 30, ed. cit., 406-408.

¹⁷⁷ Esta *Relação*, amplamente aproveitada por Fr. Jerónimo de Belém (*Chronica Serafica*, III, 16, 1-53, ed. cit., 406-589), deve ser identificada com a sua *Autobiografia*, título com que foi, como já referimos, modernamente editada. Notemos, no entanto, que Fr. Jerónimo de Belém dá como nome de profissão o de Soror Clara do Santíssimo Sacramento, enquanto J. Palma-Ferreira a diz, com apoio em alguma documentação, ao parecer, autógrafo, Soror Antónia do Santíssimo Sacramento. Curiosamente, na sua *Autobiografia* (cap. 56, p. 236) ao lembrar o dia da sua profissão, declara: «Tomei o nome de nossa Madre [Santa Clara], por ordem do P.e Frei Filipe com o apelido do Sacramento, tanto por algumas circunstâncias que observou, quanto por querer que não tivesse do mundo nem o nome».

¹⁷⁸ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 28, ed. cit., 503; Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 266.

¹⁷⁹ Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 526.

¹⁸⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 18, ed. cit., 473; Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 71. Pedro de RIBADENEYRA, *Flos Sanctorum, Tercera Parte*, ed. cit., 522-539 traz a vida de Santa Teresa. Foi por este *Flos Sanctorum* – continuado, como é sabido, e segundo reza a aprovação (Barcelona, 5.2.1643) do P. Vicente Navarro, S. J., pela «diligencia curiosa y curiosidad diligente, y estudio estremado del P. Eusebio Nieremberg» – que terá lido Soror Clara do Sacramento?

¹⁸¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 18, ed. cit., 473.

conta na sua autobiografia, se atrever a seguir esses caminhos do recolhimento¹⁸²... Teria continuado na Madre de Deus (entrou em 27.3.1679) a leitura de Teresa de Jesus? Tendo tomado a santa carmelita por sua «mestra espiritual», voltou a ler (1678), pelo menos, algum capítulo dessa obra ou, talvez, algum das *Moradas*¹⁸³, em que a reformadora do Carmelo fala «do tempo das escuridades», indicações que unidas à sua devoção a Santa Teresa poderão, algum dia, ajudar a sublinhar o profundo teresianismo que, tantas vezes, percorre a sua autobiografia. Leu, ainda, não sem antes lhe terem proibido tal leitura, obrigada pelo confessor, o «primeiro e segundo livro da *Subida do Monte Carmelo* de São João da Cruz»¹⁸⁴, obra em que, como declara, não achou quanto necessitava. Pelo contrário, achou «cabal sossego» depois de ler, também por ordem do confessor, a primeira parte da *Noite Escura*¹⁸⁵. Na *Relação da sua vida...* declara, copiando mesmo as passagens que mais a «comoveram», a *Conquista del Reino de Dios* (Madrid, 1595) de Fr. Juan de los Angeles¹⁸⁶. Curiosa e inexplicavelmente algumas destas últimas leituras – *Libro de la Vida...*, *Subida del Monte Carmelo...*, a *Conquista del Reino de Dios...* – são esquecidas – ou silenciadas? – por Fr. Jerónimo de Belém...

Outra grande leitora do mosteiro de Xabregas foi Soror Maria da Purificação († 3.10.1724), que também em noviça ouviu conselhos de Fr. António das Chagas e algum destes bem poderia ter-se traduzido em alguma das suas leituras. Com efeito, como recomendava o varatojano, «applicou-se à lição das vidas dos Santos, e antigos anachoretas, para copiar em si suas virtudes, e exercicios; e no seu modo possível procurava imitá-los em tudo». A «freirinha da Madre de Deos» – epíteto por que era conhecida na corte –, com muita «caridade assistia às moribundas, valendo-se para isso do muito, que tinha lido, especialmente nas obras dos Padres Eusebio, e Luiz Blosio»¹⁸⁷... O que teria lido de Eusebio Nieremberg e de Ludovico Blosio? De todos os modos, sabemos que «lembrada do que havia lido na vida do beato Henrique de Suso de que hum cão que roia hum trapo, e ao mesmo

¹⁸² Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 212.

¹⁸³ Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 212: «... e por último, me mandou [o confessor nas Comendadeiras de Santos] ler o livro de S.ta Teresa e com especialidade o capítulo em que ela [fala? falta no texto impresso] do tempo das escuridades».

¹⁸⁴ S. João da Cruz, beatificado por Clemente X em 25.1.1675, foi canonizado por Bento XI em 27.12.1726, pelo que dizê-lo «santo» Soror Clara apenas poderá entender-se por uma questão de veneração piedosa. Ou terá esta classificação a ver com alguma intervenção estranha no texto da *Autobiografia*?

¹⁸⁵ Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 191; Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 32, ed. cit., 518.

¹⁸⁶ Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 427, 433.

¹⁸⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 5, ed. cit., 605.

tempo o pizava, por onde o servo de Deos aprendeo o desprezo de si, com este exemplo pedia Soror Maria ao Senhor, com supplicas, e instancias, que a fizesse hum trapo mordido, e pizado, para que ninguem lhe pusesse os olhos...»¹⁸⁸. O exemplo referido vem, precisamente, na *Vida do Beato Henrique Suso*¹⁸⁹, essa tradução da obra de L. Surius por Fr. Luis de Sousa a que já fizemos referência a propósito de outra leitora – Soror Violante de Jesus Maria – da mesma obra no mesmo mosteiro, mas em data tão afastada que não permite que na coincidência se possa ver uma consequência da leitura em grupo ...

Outra leitora de Eusébio Nieremberg foi Soror Brites da Conceição († 16.10.1727). Com efeito, ela, que no «deploravel estado» em que se encontrava na sua última enfermidade, «tinha só o desafogo de buscar livros que lhe servissem para a hora da morte», pediu, nesses últimos dias, «a huma religiosa assistente, que lhe fizesse huns actos de amor de Deos, que trazia nas suas obras o P. Eusebio Niemberg, e porque nellas se não achavão, a mesma enferma resistou o livro e o entregou para se lhe ler o que pedia...»¹⁹⁰. Talvez, com algum cuidado e muita paciência fosse possível identificar esses «actos de amor de Deus», mas o que aqui interessa é sugerir quanto, ao parecer, se vai acentuando, com o correr dos anos, a leitura deste autor jesuíta e, por outro lado, a boa conhecedora das suas obras que se revela essa filha dos condes do Sabugal...

Nada custa, depois de tudo, ceder um tanto às generalizações – e à facilidade... – e aproveitar ainda o que se diz na *Chronica Serafica* sobre essa leitora que foi Soror Teresa Maria de S. José († 8.5.1743). Ela «deu-se muito – diz Jerónimo de Belém – à lição dos livros em que aproveitou tanto, que até escreveo alguns das vidas de muitas religiosas que fallecêrão em seu tempo neste mosteiro...»¹⁹¹. Seguramente, a ficarmo-nos por esta informação, nunca viríamos a saber que livros lera, mas o cronista, ao incluir o seu nome no *Catalogo dos escritores da Provincia dos Algarves* aponta, entre outras de carácter histórico e espiritual que não deverão ser suas, que «traduzio as doutrinas da *Mystica Cidade de Deus*»¹⁹². Para traduzir é preciso ler... Porque terá esquecido, uma vez mais, uma referência «bibliográfica»? De todos os modos, o que parece ter sido mais relevante para Fr. Jerónimo de Belém foi a sua actividade de cronista da casa e, por isso, como de tantas outras – a começar por aquelas que só por terem sido historiadoras das suas casas religiosas são fugazmente recordadas

188 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 3, ed. cit., 600.

189 L. SURIUS, *Vida do Beato Henrique Suso*, ed. cit., 97.

190 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 8, ed. cit., 617.

191 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 32, ed. cit., 687.

192 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, I, «Introdução», ed. cit., CCLXV.

como fontes do historiador da província franciscana dos Algarves – poderíamos igualmente dizer que se aplicaram à lição dos livros... E, ao parecer, nesse plano escandalosamente humano da escrita da História, com não menos proveito...

VIII. A longa busca que fizemos de livros aconselhados e de livros lidos pelas franciscanas portuguesas – clarissas, em particular – no século XVII – com especial acento na sua segunda metade – e nos começos do século seguinte, é, ao nível da quantidade, um pouco decepcionante... Talvez valha, porém, como índice do tipo de obras que se foram preferindo nos mosteiros em que as pudemos localizar. E, neste sentido, teremos sempre que recordar que foram as obras escolhidas pelas melhores – em virtude, evidentemente, que nem sempre em Letras – das religiosas moradoras nessas casas. Evidentemente também, essas obras são, em muitos casos, como acentuámos, apenas algumas das que elas leram... As que tiveram por bem de nos informar nos seus escritos – Teresa da Anunciada..., Clara do Sacramento... – ou as que seleccionaram os seus biógrafos, seguindo, muito possivelmente, o critério de apenas reter aquelas obras que, segundo lhes pareceu – directa ou indirectamente –, foram preferidas das suas biografadas ou melhor explicavam, geralmente por imitação, as suas virtudes e santidade, e até das «escuridades» da sua vida espiritual... Os cronistas, por sua vez, como verificámos com um dos mais atentos à questão da prática da leitura – Fr. Jerónimo de Belém –, encarregaram-se ainda, em nome, talvez, da síntese que estavam a elaborar, de esquecer algumas dessas... Gostaríamos que os exemplos que rapidamente evocámos e analisámos tivessem servido para documentar, algum tanto, esse complexo e complicado mundo da leitura nos conventos e mosteiros, onde se lia por obrigação, por devoção, por obediência, por recreio – e, tantas vezes, no meio de fortes tribulações no corpo e na alma –, mas, sempre, por «dever profissional», já que a leitura vem sempre encarada como uma forma da *ars orandi*... que era a razão de ser da vida religiosa. Fr. António das Chagas, ele, uma vez mais, pode, servindo-se do livro como imagem – ele que os tratava tão mal¹⁹³... – dar-nos a dimensão desse «profissionalismo»: «O que importa, he pormonos na mão de Deos, e deixallo obrar. Faça-se livro: o livro se o dobrão, dobra-se; se o virão, vira-se; se o fechão, fecha-se; se o poem a hum canto, se o abrem pelo meyo, deixa fazer o que quer quem o tem na sua mão...»¹⁹⁴.

¹⁹³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 92, 149: «Foy prudencia o poupar o livro; que eu tenho essa ruim manha de os dobrar, e assim ficão porque me falta o tempo para aquilo que noto».

¹⁹⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 69, 198.

No entanto, como fomos lembrando, nem sempre as listas das leituras aconselhadas, mesmo por quem tinha autoridade para o fazer, coincidem com as listas que, com as cautelas de análise que ponderámos, se podem estabelecer das leituras que temos a certeza que foram realizadas... Se, contas feitas, para estes anos e, antes de mais, para a Província franciscana dos Algarves, encontramos lidas duas autoras nunca verdadeiramente recomendadas, mas sempre devotamente veneradas – Teresa de Jesus e Maria de Jesus de Ágreda –, onde estão as leitoras de La Puente..., de S. Francisco de Sales..., de Alfonso Rodríguez¹⁹⁵?... E os místicos renano-flamencos, J. Tauler..., J. Ruusbroec..., H. Suso..., H. Herp...? Mesmo sem a preocupação de distinguir as suas obras autênticas das que se atribuíam a alguns deles e apesar de alguma reedição das *Institutiones* taulerianas na segunda metade do século XVII peninsular – *Saludables y verdaderamente divinas Instituciones o Enseñanzas ... del Iluminado Doctor y Sublime Teologo Fr. Juan Taulero...* (Madrid, 1669) – e outra, um tanto tardia para o arco cronológico que aqui considerámos, de J. Ruusbroec – *Obras del Iluminado Doctor y Venerable Padre D. Juan Rusbroquio* (Madrid, 1696-1699)¹⁹⁶ –, não parece, à parte aquela *Vida* de Suso que ficou referida, que os místicos do Norte tenham merecido uma relevante atenção como leitura das religiosas franciscanas. Nem ao nível dos conselhos nem ao das memórias... Ou o que é normal não é notícia? O mesmo não se diga dos livros de alguns dos seus epígonos ou divulgadores, como, antes de mais, um N. Eschio¹⁹⁷ e, até certo ponto, um Ludovico

¹⁹⁵ Fr. Manuel de MARIA SANTÍSSIMA, *Historia do Real Convento e Seminario do Varatojo*, Porto, 1800, 245-246 conta que «dembrado o servo de Deos [Fr. João do Nascimento, depois bispo do Funchal] que a lição espiritual he companheira da devoção, tinha por costume ler cada dia no Seminario hum capitulo dos exercicios de perfeição do V. P. Affonso Rodrigues, e ordenou, que este livro se lêsse à noite no Refeitório de Varatojo». Os factos reportam-se a uma data anterior a 1740, ano em que Fr. João do Nascimento foi nomeado para a sé do Funchal.

¹⁹⁶ Feita pelo Padre Blas López, dos Clérigos Menores, é uma curiosa edição, pois contém interpolações de textos de Tauler..., S. João da Cruz..., Santa Teresa... que seria bem útil estudar no contexto polémico da reacção a Miguel de Molinos... , um aspecto de que não se ocupou Teodoro H. Martín na introdução à sua tradução espanhola das *Obras* de Ruusbroec, Madrid, 1984.

¹⁹⁷ Talvez tenha algum interesse assinalar aqui, completando, ainda que provisoriamente, as que apurou Maria de Lourdes Belchior Pontes, as principais, e ao parecer difíceis de deslindar, edições de N. Esck ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII peninsulares: 1 - *Exercicios Spirituaes e Divinos*, Évora, André de Burgos, 1554 (Trad. de Fr. Cristóvão de Abrantes, O.F.M.); 2 - *Exercicios Spirituaes e Divinos*, Évora, André de Burgos, 1555 (Trad. de Fr. Cristóvão de Abrantes, O.F.M.); 3 - *Catorze exercicios espirituas* [junto com Tauler, *Meditações da Paixão de Cristo*], Évora, André de Burgos, 1554 (Trad. de Fr. Bernardino de Aveiro, O.F.M., edição altamente duvidosa); 4 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fr. André Ximenez*, Madrid, (?), 1613; 5 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fray Juan Ximenez...*, Zaragoza, Juan de Lanaja y Quartanet, 1625; 6 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fray Juan Ximenez...* Alcalá de Henares, Andrés Fernandez de Castro, 1665; 7 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fray Juan*

Blosio¹⁹⁸... São questões que podem suscitar outras, provavelmente, ainda mais impertinentes... Porque não aconselha, nas *Cartas Espirituaes*, evidentemente, a leitura de Fr. Luis de Granada, autor que «cidiu» o seu abandono do mundo?¹⁹⁹ E porque nunca se refere a Santa Gertrudes de quem se diz ter lido, durante a viagem para o Brasil, a «vida»²⁰⁰ e cujas *Insinuaciones Divinae Pietatis* foram bem divulgadas na Península? Quem lia a *Arte de Orar* (Coimbra, 1630) do P. Diogo Monteiro, S. J..., o *Tratado do Anjo da Guarda* (Évora, 1621) do Padre António de Vasconcelos, S. J..., a *Milicia Cristiana* (Salamanca, 1596) de Sebastião Gomes de Figueiredo..., a *Arte Espiritual* (Lisboa, 1649) de Fr. Paulo de Vasconcelos e outras obras de outros «professores e mestres do espírito» que recorda Francisco Manuel

Ximenez, [Sevilla] (Impresso en Alcalá de Henares y por su original en Sevilla), Florencio J. Blás de Quesada, s.a.; 8 - *Exercicios Espirituaes das tres vias*, Lisboa, António Craesbeck de Melo, 1669 (Trad. de Diogo Vaz Carrilho); 9 - *Exercicios Divinos*, Lisboa, 1714; 9 - *Exercicios Espirituaes*, Lisboa, Of. de Francisco da Silva, 1746 (Trad. de Diogo Vaz Carrilho, *Novamente correcta e emendada de muitos e gravissimos erros*). Agradeço a Pedro Cátedra a sua contribuição para que esta sumária lista esteja menos incompleta.

¹⁹⁸ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 379, n° 15 pensa que «rara era a biblioteca de convento quer não tivesse entre os livros de doutrina ascético-mística Taulero, Ruysbroeck, Blósio, etc.», remetendo, como exemplo, para a livraria de Xabregas (Madre de Deus?, S. Francisco?) e para a livraria das carmelitas do convento de Santo Alberto. Não sabemos se hoje a nossa querida e Ilustre Mestra manteria a mesma opinião, mas, por nossa parte, estaríamos dispostos a sublinhar que, se, por um lado, como que confirmando essa intuição, as concepcionistas de Braga possuíam L. Blósio (2 edições das suas obras em castelhano: Madrid e Gerona, 1619) e os *Exercicios Divinos* de N. Eschio (Lisboa, 1714), já de Tauler e de Ruysbroeck não parecem ter tido qualquer edição... Do mesmo modo, os franciscanos de Santo António de Caminha, os de Santo António de Ponte de Lima e os dominicanos de Santa Cruz de Viana do Castelo, a julgar pelos inventários das suas livrarias feitos à raiz da exclausura, tão pouco parecem ter possuído esses autores. Poderá tirar-se, como simples sugestão sequer, alguma conclusão? No estado actual dos estudos sobre as bibliotecas religiosas tal não parece ser recomendável...

¹⁹⁹ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte... do Venravel Padre Fr. Antonio das Chagas...*, ed. cit., 13; Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 1-5 procurou precisar a vaga indicação do biógrafo do Padre Chagas e propôs, com sumo acerto, que as «obras spirituaes» que decidiram a conversão de António da Fonseca Soares devem identificar-se, antes de mais, com o *Guia de Pecadores*.

²⁰⁰ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte... do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas...*, ed. cit., 12: «Hua só cousa acho dita por elle mesmo, annos depois, a huma Religiosa, e foi: Que o Mestre da nao, em que hia, lhe dera em certa occasião, que o apertava a melancolia, para ler, a vida de Santa Getrudes». A ida para a Baía deu-se em 1653 – ou, pelo menos, no Verão desse ano já lá se encontrava, Conf. Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 27 – e por estas datas as propriamente biografias da Santa de Helfta ainda não existiam, pois a do P. Alonso de Andrade, matriz de outras, só aparecerá em 1663, Teremos de pensar que por «vida» entendeu Fr. António e o seu biógrafo alguma das já antigas edições (Salamanca, 1603; Salamanca, 1605; Valladolid, 1607; Madrid, 1614; Sevilla, 1616) da tradução das *Insinuaciones Divinae Pietatis* por Fr. Leandro de Granada, O. S. B. Conf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da história da espiritualidade peninsular*, Porto, 1981.

de Melo²⁰¹? De todos os modos, com os matizes que se julgarem pertinentes, o que a amostra que apresentámos do mundo da leitura por parte de algumas religiosas em alguns mosteiros pode sugerir é a variedade de autores e de obras que, entre aconselhados e lidos, poderiam ter sido ou foram mesmo lidos... Com efeito, embora, por algumas das limitações apontadas e por outras que, como assinalámos, nos impusemos, e por razões de ordem metodológica que presidiam à leitura espiritual – ler poucos livros, mas fazê-lo meditando –, conheçamos apenas algumas dessas leituras, o seu conjunto parece permitir pensar que raramente uma ordem religiosa se sentia vinculada aos *seus* autores... Talvez se tenha podido verificar o peso de algumas invasões de certos autores... Da Companhia..., do Carmelo..., de algum epígono dos místicos renano-flamencos... Por outro lado, talvez, estas notas tenham permitido – muito parcialmente, estamos certo – vislumbrar como se ia fazendo – e tantas vezes, impondo – a selecção das leituras, escolha em que a orientação de directores espirituais e de confessores foi, não poucas vezes, acompanhada – quando não equilibrada – pela influência de certas personalidades gozando da fama de grandes virtudes e santidade. Gente que, por sua vez, necessita de ser estudada...

E, desde este ponto de vista, continua a ser plenamente válido, quase cinquenta anos depois, voltar a lembrar que «só quando tivermos notícia do que liam os homens de Seiscentos, será possível estabelecer relações de autor para autor e esboçar o programa da religiosidade daquele tempo»²⁰².

José Adriano de Freitas Carvalho

Abstract

If it is difficult to ascertain the type of texts read in the Early Modern Age, it is far more complex and difficult to study which texts were being read in convents, especially by nuns, due to the rigid rules by which those places were governed and the difficulty in having access to such sources. It was the responsibility of a large group of people to select and guide the reading of the accepted texts: perceptresses of novices, confessors, spiritual mentors, etc. The analysis of the list of recommended texts and of the aspects that should guide the way to read them found in the letters of an illustrious Franciscan, Friar António das Chagas († 1682), to his many pupils, lead us to establish de corpus of recommended texts and compare them with those mentioned in some biographies of devout people of that same period included in conventual chronicles.

²⁰¹ Francisco Manuel de MELO, *Cartas Familiares*, Roma, 1664 (ed. e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento), Lisboa, s. a. (1980), 409-422 (nº414, datada de 24.8.1650)

²⁰² Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 340.